

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
– CAMPUS SÃO PAULO – FACULDADE DE ARTE-TEATRO
LICENCIATURA

TAYNÁ MARIA SANTIAGO DA SILVA

COMO UMA EDUCADORA APRENDE:

experiências de uma traço mediadora traço palhaça com meninos e meninas
privados de liberdade na Fundação Casa

SÃO PAULO
2022

TAYNÁ MARIA SANTIAGO DA SILVA

COMO UMA EDUCADORA APRENDE:

experiências de uma traço mediadora traço palhaça com meninos e meninas
privados de liberdade na Fundação Casa

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho como exigência para a
obtenção do título de graduação em
Arte-Teatro Licenciatura.

Orientadora: Prof. Dra. Rita Luciana Berti
Bredariolli

São Paulo
2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

S586c	Silva, Tayná Maria Santiago da, 1997- Como uma educadora aprende : experiências de uma traço mediadora traço palhaça com meninos e meninas privados de liberdade na Fundação Casa / Tayná Maria Santiago da Silva. - São Paulo, 2022. 76 f. : il. color. Orientadora: Prof.^a Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli Coorientador: Prof. Felipe Augusto Michelini da Silva Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Arte na educação. 2. Palhaços. 3. Detenção de menores. 4. Crianças - Assistência em instituições. 5. Mediação cultural. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Silva, Felipe Augusto Michelini da. III. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. IV. Título. CDD 707.1
-------	---

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aprovado em:

Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli

22/02/2022

Prof. Felipe Augusto Michelini da Silva

22/02/2022

Profa. Josiane Rodrigues Lima

22/02/2022

Dedico este trabalho ao meu pai, Roque Pereira da Silva e aos meus avós Mariá Bastos da Silva e Benjamin “Beijo” Pereira da Silva. Ancestrais que guiam meus caminhos e brilham em gotas de cachoeira.

AGRADECIMENTOS

porque nada se faz sozinho

Agradeço aos meninos e às meninas que trocaram comigo e tanto me ensinaram, escrevi esse trabalho com o rosto de cada um e de cada uma em mente. À minha orientadora Rita Luciana Berti Bredariolli por ter acolhido essa pesquisa quando ela ainda era outra, por ter me provocado e acreditado nessa trajetória. Ao meu co-orientador Felipe Augusto Michelini da Silva por ter aceitado o desafio, por me incentivar, por compartilhar risadas e angústias. À Letícia e Guilherme por andarmos juntos na descoberta do que é fazer uma monografia que rasga o peito. À Naira, Elisa, Felipe, Giorgia, Yukie, Ricardo, Yago, Tico, João e Sidnei por tantas trocas preciosas ao longo de todos esses anos, por me acolherem nos bares, casas, praias e represas, pelo que cada um acrescentou na minha caminhada. À Tallys e Lucas por não me deixarem dúvidas do quão potente somos juntos, por terem partilhado de tantas lágrimas e sorrisos comigo diariamente no trabalho e nos metrô. Ao LAT 016 por aguçar meus afetos em tantas instâncias e por muitos terem me ajudado a não desistir. À todes da Residência Pedagógica por me provocarem a pensar e repensar educação semanalmente, por construirmos juntos novas formas de sala de aula continuamente. À Biblioteca do IA UNESP, por compartilharem seus conhecimentos comigo. À Andrea, minha terapeuta que me cuidou para que as sinapses acontecessem. Agradeço por fim à todes que vieram antes de mim e que abriram as portas para que uma preta, baiana, criada em Itaquera pudesse sonhar e ter esperança.

RESUMO

Esse trabalho se propõe a refletir sobre vivências com meninos e meninas internos e internas na Fundação Casa de São Paulo, capital. Analisando elementos que foram essenciais e determinantes na trajetória construída em conjunto com eles e elas, como raça, classe, comicidade, linguagem e demais escolhas pedagógicas, respaldada na Pesquisa Educacional Baseada em Artes, esse trabalho é um convite à quem lê para se juntar ao que descobrimos, se juntar aos erros e acertos e a contra-colonizar, mesmo que um pouco, nossa forma de pensar sobre caminhos.

PALAVRAS-CHAVE

Arte educação; formação docente; Fundação Casa; mediação cultural

ABSTRACT

This work proposes to reflect on experiences with boys and girls inmates and out of Fundação Casa de São Paulo, capital. Analyzing elements that were essential and decisive in the trajectory built together with them, like race, class, comic language and other pedagogical choices, supported by the Educational Research Based on Arts, this work is an invitation to those who read to join to what we discovered, to join the mistakes and successes and to counter-colonize, even if a little, our way of thinking about paths.

KEYWORDS

Art education; teacher training; Fundação Casa; cultural mediation

Lista de Figuras

todos os desenhos e escritos pertencem a eles e elas, que apenas me emprestaram para esse trabalho: uso reservado

Figura 1 — Escrito dele, uma lição do <i>menó</i>	41
Figura 2 — Escrito dela, o que é liberdade (?).....	53
Figura 3 — Escrito dela, aqui pode sim.....	55
Figura 4 — Escrito dele, quem é o verdadeiro inimigo?.....	55
Figura 5 — Escrito deles (menino e agente), KM 40.....	56
Figura 6 — Escrito dele, não ousou colocar título.....	57
Figura 7 — Escrito dele, uma história pt1.....	58
Figura 8 — Escrito dele, uma história pt2.....	59
Figura 9 — Escrito dela, <i>fundoca</i>	60
Figura 10 — Escrito dele, uma lição do <i>menó</i> (continuação).....	61
Figura 11 — Escrito dele, chuva v1.....	61
Figura 12 — Escrito dela, <i>pokas</i>	62
Figura 13 — Escrito dela, um poema.....	62
Figura 14 — Escrito dela, a segunda parte do poema.....	62
Figura 15 — Escrito dela, salve S.!.....	63
Figura 16 — Escrito dela,	63
Figura 17 — Escrito dela, poesia.....	64
Figura 18 — Escrito dela, “nós mulheres”.....	64
Figura 19 — Escrito dele educador pt1.....	65
Figura 20 — Escrito dele educador pt2.....	65
Figura 21 — Escrito dele educador pt3.....	65
Figura 22 — Escrito dele educador pt4.....	65
Figura 23 — Escrito dele, “7 mares”.....	66
Figura 24 — Escrito dele, chuva v2.....	66

Carta a quem lê

Olá você que lê, aí do outro lado da folha-tela, tela-folha. Peço um momentinho de atenção e te digo, pular esta carta talvez traga altas confusões.

Como palhaça mestre de cerimônias, gosto de brincar com palavras. Como professora/educadora, brinco de aprender. Como mediadora, brinco nos entremeios. Como Tay, a pessoa que sai por aí brincando de montes, foi um longo caminho até vislumbrar esse trabalho (in)acabado.

Dificuldades minhas à parte, em dado momento, entendi que precisava brincar com esses textos para eles fazerem sentido com a minha trajetória e com quem eu sou. E talvez seja por isso que a Pesquisa Educacional Baseada em Artes (PEBA) chegou até mim como metodologia, para que eu conseguisse explorar outras formas de me banhar nas experiências que vivi. Cada escolha escrita e estética foi pensada com carinho e cuidado. Essas duas, inclusive, caminharam de mãos dadas por todo trajeto, mesmo com algumas discussões pontuais - o conflito também compõe a relação da escrita com a estética.

Nesse primeiro contato, um primeiro convite: te chamo nessa experimentação e torço muito para que, assim como eu, tu consiga brincar entre os capítulos, entre as pausas, entre as imagens e entre as bagunças.

Em histórias pouco românticas, mas de muitos aprendizados, você encontrará cores, tentativas poéticas, meus próprios erros e, com sorte, acertos. Imagens de quem me ensinou e um dia me convidou a brincar, retorno suja de lama e te conto (ou tentarei contar) os caminhos que descobri entre picadas de borrachudo na canela e flores penduradas no cabelo.

brincando de
SUMÁRIO

- 10** Uma introdução: *noventa por cento é invenção*
- 13** Capítulo **X**: Como nós fala: uma brisa sobre linguagem
 - 13** Um passo para trás: uma brisa sobre linguagem
 - 17** Dois passos para frente: como nós fala
- 21** Capítulo **Y**: Não me chame de senhora
 - 21** Entrelinhas **21** ()
 - 22** O riso da entrelinha: ubuntu **22** () **23** O riso da entrelinha: ubuntu (cont.)
- 26** Pausa para elaborar: de passo em passo, aprendi a ler muros
- 28** Capítulo **W**: O que palhaçaria tem a ver com isso?
 - 28** Uma parte inacabada, nada é contínuo
 - 30** Não precisamos saltar, podemos preencher com pontes
 - 31** Escuta
 - 32** Presença
 - 33** Honestidade e erro
 - 35** Interesse e vontade de gente
 - 35** Riso
 - 37** Espaço para suas contribuições
- 38** Capítulo **Z**: Jesus Chorou e fugiu
 - 38** Primeiro, fugiu
 - 39** E aí menó?
- 45** Pausa para elaborar
 - 46** Depois, chorou
 - 49** Correndo sobre riscos, eu vim de onde tu vem
- 53** Capítulo **&**: A inutilidade de quem somos
 - 54** Aprendendo a esconder ouro
 - 55** A proposta que nunca aconteceu
 - 56** Convite à eles e elas
- 67** Clichê: (In)conclusão
- 69** Pausa para elaborar: o fim de um começo
 - 69** Blocos quadrados não constroem uma casa: uma despedida
 - 70** Esta é a última história que escrevo, prometo à vocês de dedos cruzados
- 72** Quem conversou comigo: referências bibliográficas

Noventa por cento do que eu escrevo é invenção. Apenas dez por cento é mentira.

Manoel de Barros

Gosto de acreditar que quando Manoel de Barros diz essa frase, tenta avisar que nenhuma palavra consegue transcrever de fato uma experiência. Por isso, que tenhamos de acordo: nada escrito, desenhado ou colocado aqui irá dar cabo da experiência que me proponho a contar. Mesmo assim, me coloco no risco de transformar o que vivi em palavras e te convido a se arriscar comigo ao ler esse trabalho.

Para meu convite não soar egoísta, vejo a necessidade de te apresentar um contexto, para que possamos caminhar juntas¹ por esta vivência. Esse trabalho se desenvolve a partir das observações e do relato das experiências que passei com meninos e meninas em privação de liberdade na Fundação Casa, dentro de uma instituição cultural privada de São Paulo-SP. Te chamo a pesquisar comigo quais aprendizados podemos retirar dessa prática docente, conversando com atributos da palhaçaria na educação e prestando atenção nos elementos presentes, como a questão social e racial. Qual trilha abri juntamente com aqueles meninos e meninas que transformava nossas poucas horas de encontro em um espaço de troca e criação? Com as minhas palavras, grifo um fato talvez implícito e peço que você o leve por toda sua leitura: toda descoberta foi conjunta, eles e elas são sujeitos dessa história e pesquisa, não objeto.

Para contar essa vivência, não posso e nem quero me afastar dela. Pelo contrário, o contato próximo fez com que ela existisse. Por isso, irei escrever esse trabalho na 1ª pessoa do singular, o *eu*, na maior parte do tempo. Conto isso assim de começo porque a linguagem foi uma das primeiras coisas que me aproximou dos meninos e meninas que compartilharam e construíram essa experiência comigo e a partir dela pudemos quebrar a hierarquia imposta no primeiro contato. O Capítulo X:

¹ Opto por utilizar a linguagem neutra na minha escrita em dois momentos: quando estou falando com quem está lendo e ao falar sobre um conjunto de pessoas onde não exista demarcação de gênero específica. Para isso, seguirei o “sistema elu” proposto no *guia para a linguagem neutra* (2020) de Ophelia Cassiano, disponível no site: <https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>. Como o próprio manual introduz, é uma linguagem ainda em criação e experimentação, porém o “sistema elu” é a melhor adaptação neutra atualmente. Como a língua é viva, alguns usos nesse trabalho podem ficar obsoletos com o tempo. Me identifico também com o gênero neutro, por isso considero importante essa linguagem habitar os campos acadêmicos, em respeito e contemplação a mim e a tantas pessoas que não se identificam com o binarismo homem ou mulher.

Como nós fala: uma brisa sobre linguagem irá explorar esse tema, caso ele pareça abstrato demais por hora.

Descobri na prática a importância de entender que esse *eu* é também uma preta, baiana, criada em Itaquera, Zona Leste de São Paulo. Aprendi caminhando junto com eles e elas que olharam para esses fatos sempre que eu me apresentava, falava de mim ou simplesmente me fazia presente. Com o tempo, descobri o que aquilo significava em mim e iremos conversar mais sobre isso no Capítulo Y: *Não me chame de senhora*.

Ao olhar novamente para essa história, passei algum tempo me perguntando como tudo aconteceu. Me recuso a acreditar que a troca que se fez possível entre eu, eles e elas seja apenas por uma questão de identificação racial e/ou social. Seria despersonalizante assumir que pessoas não brancas e/ou periféricas se entendem apenas por conta dessas coisas em comum. Somos muito mais que isso.

Por isso, atentei aos detalhes da minha postura de educadora-mediadora² e percebi que muitas atitudes eu não havia aprendido na sala de aula da faculdade ou em livros, havia aprendido na rua e no picadeiro, atuando como palhaça. Não é inovador dizer que atributos como escuta, presença, erro e interesse são essenciais quando falamos de palhaçaria e também não é novidade pensar nessas qualidades em uma educadora. Mas descobri, enfim, que havia algo que aprendi como palhaça que era negado na sala de aula e isso foi essencial para entender que eu era educadora traço mediadora traço palhaça. No Capítulo W: *O que palhaçaria tem a ver com isso?* iremos descobrir o que Donna ensinou para Tay.

Gostaria de dizer que percebi desde o início tudo que contei até aqui, que desde o começo me coloquei no lugar de educadora-mediadora-palhaça e tive em mim todos os atributos que cito acima. Mas não foi como aconteceu. Pelo contrário, nos primeiros contatos com meninos e meninas internos e internas na Fundação Casa tive diversos receios infundados. No Capítulo Z: *Jesus Chorou e fugiu*, contarei duas primeiras experiências com eles e elas, explorando meus receios e o que podemos observar enquanto educadores.

² Sendo uma pessoa de demigênero (uma das possibilidades da não binariedade), me sinto confortável com qualquer pronome conforme minha fluência. Porém, nessa experiência que me proponho a contar, a demarcação de gênero no feminino foi essencial, por isso, ao falar de mim neste trabalho, utilizarei pronomes femininos. Ao falar das pessoas que estavam em situação de privação de liberdade na Fundação Casa, utilizarei meninos e meninas, para respeitar como eles e elas se identificam.

Para não esquecer, repito que nada da experiência que relato aqui foi construção apenas minha, esta é a maior beleza disso tudo. Com muito respeito a todos e todas que compartilharam tanto de si comigo e estiveram tão abertos e abertas ao que compartilhei de mim também, nos encontramos no Capítulo &: *A inutilidade de quem somos*, para contar o final (ou começo) da trajetória que construímos. Provocados e provocadas por Manoel de Barros, desabrocharam escritos que continuam a me movimentar enquanto educadora, mediadora e palhaça.

As sementes que plantei juntamente com os meninos e as meninas da Fundação Casa e viraram flores escritas, hoje voltam a ser a semente que gera essa pesquisa. Renovo meu convite inicial e te chamo para semear e desbravar essa floresta, dessa pesquisa vivenciada que não se encerra aqui. Para isso, sinta-se à vontade para brincar com a ordem dos capítulos, ler de trás pra frente, do meio para trás. Nenhum deles tem número para te provocar a jogar comigo, desconsidere a ordem do alfabeto por aqui. Pesquise na leitura como quiser, nesta brincadeira de conhecimentos que não seguem uma linearidade.

Capítulo X: Como nós fala: uma brisa sobre linguagem

Breve aviso: Podem surgir palavras de baixo calão daqui para frente.

Siga com sua conta em risco.

Quando nós falamos tagarelando e escrevemos mal ortografado

Quando nós cantamos desafinando e dançamos descompassado

Quando nós pintamos borrando e desenhamos enviesado

Não é porque estamos errando é porque não fomos colonizados.

Nêgo Bispo

- Um passo para trás: uma brisa sobre linguagem

Desta vez, não teremos mediação, ok?³ E talvez esse capítulo seja uma contradição, mas acredito que quando a gente reflete sobre a nossa prática, corre o risco de se contradizer mesmo. Talvez esse capítulo seja também meio bagunçado, uma ida e vinda de assuntos, mas isso é como minha cabeça tem funcionado: no caos. Confesso que está difícil desenrolar essa escrita, porque quando pensei em falar sobre linguagem, pensei em transgredir tudo. Em gritar: “foda-se a academia, eu não sirvo pra essa merda, toma essa porra de TCC e enfia no cu”. Porém, tomei gosto pela pesquisa quando entendi o que era pesquisar pra mim, pela escrita quando li pessoas como eu, pelas palavras que eu descobri no processo. Nesse vai e volta, aprendi um pouquinho da linguagem da academia também, e descobri que “preciso dela para falar com você.” (RICH citada por hooks, 2013, p. 224). Ainda questiono os moldes da academia e a escrita acadêmica, essa coisa toda quadrada e cheia de normas. Ainda questiono esse espaço e para quem ele é feito. Mas, como primeira da família a entrar em uma universidade pública, passei a sonhar em mudar tudo por dentro. Não acho que consegui mudar algo da estrutura, sinceramente te confesso, mas acredito que consegui colocar algumas pulgas atrás de algumas orelhas, pelo menos. Consegui também me apropriar do que faz sentido pra mim e foi nessa apropriação que esse trabalho surgiu. Entre os trancos e barrancos.

Esse texto que pode soar como um início de uma conclusão é, na realidade, um dos eternos desabafos que compõem essa pesquisa. “Uma escrita criativa de ‘carne e sangue’, conectada com a vida e profundamente marcada pela

³ Entenda os destaques em verde neste texto como anedotas que conto em uma mesa de bar, como intervenções contra-acadêmicas. Caralho, de novo, preciso encontrar referência pra isso? Não quero.

subjetividade do pesquisador, pois ‘não existe separação entre vida e escrita.’” (ALVES, 2020). Posso chamar isso de metodologia do expurgo, talvez? *Desculpa academia, não quero ter o trabalho de criar um novo conceito.*

Entrei na faculdade me achando muito inteligente, porque como já disse, fui a primeira da família a entrar em uma pública. Durante os 6 anos de curso, me achei muito burra. Durante 4 desses 6 anos, senti raiva. Durante 6 meses desses 6 anos, voltei a me sentir inteligente. Aprendi muito com pessoas que encontrei na academia e foram elas quem me ofereceram acalento.

Há muitas coisas que eu não sei até hoje: quando usar “essa” ou “esta”, como colocar vírgulas, quando usar a crase, como flexionar verbos - tudo que você lê aqui é 48% intuitivo, 49% correção de amigadas, 2% *Google* e 1% corretor automático. Por muito tempo acreditei que eu não sabia escrever, acreditei que não sabia nem mesmo falar. Tentava imitar algumas pessoas, mas sempre falhando. Estar na faculdade foi, na maior parte do tempo, um massacre à minha linguagem.

Como cria de Itaquera, devo dizer que a forma que eu falo diariamente não é bem o que a norma ortográfica gosta. Mas existe um espírito de rebelião que toma posse da língua⁴ como um local de resistência (hooks, 2011, p. 227). *Às vezes fico triste por não conseguir colocar isso aqui pra você, que não me conhece, realmente me conhecer.* Bom, lidemos com essa frustração, há um tanto de beleza nela também *e eu preciso acreditar nisso para não querer refazer esse TCC inteiro.* De toda forma tentarei compartilhar um pouco de vida aqui, entendendo que é outra vida que está lendo.

A transfluência é como nós nos movemos e a confluência é como nós compartilhamos as nossas vidas com outras vidas. Como é que ela vai entrar para uma linguagem acadêmica? Não precisa entrar. A confluência é pra ficar mesmo na linguagem orgânica porque na linguagem orgânica que a confluência acontece. Nas linguagens acadêmicas não acontece nada, só a linguagem mesmo. Ora, se ela entrar pra linguagem acadêmica ela vai ficar nas prateleiras. E, se ela ficar nas prateleiras, para de confluir, perde o sentido. (NÊGO, 8min29s-9min05s).

Hoje em dia não me sinto mais burra por não saber todas essas normas *(talvez um pouquinho na calada da noite)*, porque uma coisa que aprendi, através de muitas trocas, é transformar esse caos em confluência. Transformar o que não sei em potência criativa, por que não? Se há uma lacuna de não saber, posso

⁴ bell hooks fala especificamente sobre a língua inglesa, porém me faz sentido com as relações com linguagem que faço e farei ao longo do texto.

preenchê-la com o que eu quiser e com o que faz sentido pra mim. E aí da academia se ela não deixar. Pode ameaçar a academia como se ela fosse de fato um sujeito? Aqui pode. Mas como quero preencher? Precisa fazer sentido? Se sim, sentido para quem? Para a academia de novo? Ela quem diz o que faz sentido? São muitas as perguntas sem resposta que carrego no peito e quando eu tiver respostas eu publico, sei lá, um artigo sobre. “Ameaçando a academia: como preencher lacunas queimadoras de peito de uma jovem graduanda” será o nome, antes que tentem plagiar essa incrível ideia.

Por sorte, não fui a primeira a questionar tudo isso e a ter tantas angústias. Um *salve à bell hooks*, Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez, Nêgo Bispo, Carolina Maria de Jesus e Grada Kilomba, Leda Martins, Jarid Arraes, Chimamanda Ngozi, obrigada por todas as conversas chorosas que já tive com seus escritos. Um *salve* também para Maria Firmina dos Reis, Djamila Ribeiro, Abdias Nascimento, Maya Angelou, Sueli Carneiro, Octavia Butler, Fábio Kabral, Bianca Santana, Ryane Leão e tantas outras pessoas que, por mais que não tenham ligação direta com o que falo aqui, abriram os caminhos para outras presenças nos seus escritos.

O ponto é que desde 2016, quando entrei na universidade, tenho pensado, questionado e re-questionado isso tudo sobre linguagem. Mas mesmo assim, se tu visitar outros textos dessa monografia, verá que mesmo questionando, em muitos momentos, tentei me enquadrar. Novamente, acho que não consegui totalmente, provavelmente fracassei. Ufa, que bom que não fui colonizada totalmente, né Nêgo Bispo?

Dentre esses questionamentos, descobri, lá atrás, algumas coisas que conto aqui: a primeira delas é que *essa sujeito academia que eu odeio é um bicho com muitas cabeças - talvez se dividindo em muitos corpos, ela consiga sobreviver mais tempo, igual um parasita*. Sigo questionando ela, querendo colocar pulgas, querendo destruir, sentindo raiva, querendo acreditar que é possível uma mudança. Outra descoberta é que sou um fracasso quando o lance é seguir regrinha. *Por que choras ABNT? Eu sou ótima com gírias, palavrões e, principalmente, em me fazer entender (garanto isso na fala oral e me justifico com isso caso minha escrita esteja confusa)*. Descobri também que *me divirto muito mais escrevendo quando tacho um foda-se* para o que vão achar e talvez, só talvez, esse capítulo seja uma desculpa para fazer o que eu bem entender. E a última que vou contar é que, além disso tudo, eu precisava falar mesmo as vezes achando que eu não sabia. Descobri que precisava

escrever mesmo achando que não era capaz. Isso tudo porque, se eu não me colocasse, essa sujeito academia ia me engolir, como quase o fez.

Tu não tem noção do quanto eu estou me julgando quando releio tudo isso aqui em cima. Engraçado, os outros textos que consegui fazer algo que julguei mais acadêmicos me deram muito orgulho. Esse eu já estou pensando: “o que a banca vai achar disso?” Novamente, contradições. Acabei de falar de tacar o foda-se e tô aqui me tremendo já. Mas, mesmo com medo de baixarem minha nota, preciso seguir buscando incomodar. Uma amiga já disse isso à anos atrás:

E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. (EVARISTO, 2007, p. 21).

Escrevivência, ô coisa linda e complexa. Complexa porque ninguém, na minha trajetória toda, me disse que eu podia escrever do jeito que enxergo o mundo. *Escrever* dessa forma, *vivenciar* essa escrita e *me ver*⁵ no que estou fazendo, brincar com isso. Pelo menos nesse capítulo, quero brincar mais do que me estressar. Quero escrevivenciar mais, *se é que posso inventar palavras em uma monografia de conclusão de curso*.

Antes que eu volte a me repetir mais vezes nos assuntos, tudo isso que conto aqui, com todas as descobertas e afetos fazem parte dos meus 6 anos de graduação e dialoga com a experiência com os meninos e as meninas internos e internas na Fundação Casa. Comecei a trabalhar com eles e elas em um momento que tudo isso acima escrito estava borbulhando em mim, em um momento que brigava com tudo e todos para defender o jeito que aprendi a falar durante toda minha vida e que, curiosamente, só era questionado por essa sujeito academia.

Logo, existe uma marca oral em todo esse caminho porque era na oralidade que me comunicava com eles e elas, ainda mais com uma negação tão grande à

⁵ Todos os termos em itálico desta frase são os que compõem o termo escrevivência de Conceição Evaristo, citados na entrevista ao Itaú Social publicada 9 de novembro de 2020 disponível no link: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>

escrita (nem vou entrar nos pormenores de fazer trabalhos escritos durante a faculdade). Mesmo que ela tente, coitada, a escrita não consegue dar conta da oralidade e ela tenta me afastar enquanto tento criar um jeito novo aqui e agora.

Por mais que eu tenha brigado o texto todo para escrever do jeito que eu quero escrever, acho que isso foi só um grande exemplo das brigas que eu tinha para falar do jeito que eu queria falar. Esse capítulo é sobre linguagem escrita ou falada? Já não sei mais. Sobre os dois.

Entre meus milhões de pensamentos sobre essa linguagem multifacetada, enquanto recuperava meu jeito de falar que essa sujeito academia tentava tirar de mim o tempo todo, eu sequer cogitei que isso poderia ter uma reverberação em mim como educadora-mediadora. Sequer imaginei que isso poderia ser importante para outras pessoas, que isso poderia ser importante para eles e elas.

- Dois passos para frente: como nós fala

Estávamos, mais uma vez⁶, fazendo nossos cadernos. Éramos em 6 garotas e me incluo nessa conta porque, naquela vez mais do que em qualquer outra, me senti parte do momento.

Durante o processo, uma das meninas começou a desenhar uma palhaça na parte de trás do seu caderno-diário. Essa menina, S., me lembrava muito a mim mesma quando tinha a sua idade. Outra delas, D., se alarmou na hora. “Tá doida? Nós não pode fazer isso não, se verem vai dar merda”. Eu nada disse, apenas observei. No momento, não tinha entendido que o que D. dizia que elas não podiam fazer era, justamente, o desenho de palhaço. “Ué, a gente não pode fazer isso lá dentro. Aqui a gente pode, né Tay?” disse S. convicta. Na fala dela, saquei o ponto: aquilo era proibido dentro da Fundação Casa por ser uma apologia.

Se fosse no começo de tudo, teria trancado o cu. Mas naquela altura, já estava calejada das regras da Fundação Casa. Dei risada, levantei os ombros. “Mano, sei lá. Mas assim, a lógica faz sentido né, cês não tão lá dentro agora. Mas se der ruim, eu me fodo junto, então tamo tudo no mesmo barco”, respondi. Eu não iria censurar ninguém

⁶ Me refiro à proposta dos diários cadernos que propus durante a vigência da exposição Manoel de Barros. Melhor descrita no Capítulo 8: A inutilidade de quem somos.

ali, porque ocupar esse lugar não resultaria em nada: elas já tinham isso no dia a dia. Todas as meninas da mesa riram, *D.* se acalmou, *S.* continuou seu desenho. Logo depois, *S.* me solta: “Tu é mó maloqueira boca suja também, ein Tay?”. Me surpreendi com aquela frase e, em ironia e parceria, respondi: “Aprendi com você”. Trocamos um olhar cúmplice e naquele curto período de tempo, não deu merda para ninguém.

Expurgos à parte, retornemos a dialogar com a sujeito academia, porque talvez eu já tenha exigido demais dela na parte de cima. *Cá entre nós, ela tem dificuldade de ler algumas coisas, sabe? Mas ó, dona academia,* é justamente o que tu tentou cortar em mim que garantiu a existência dessa segunda parte. Essa parte que tu nega, que tu finge que não existe da minha fala/escrita é o que garantiu a troca com a *S.* e com eles e elas todes. *Não estou me rendendo, apenas falando de um jeito que tu vai entender. Desculpe pessoa que lê, a menos que tu seja a academia, tu não merecia ler essa briga.* Sigamos.

Essa história aconteceu depois que eu já havia entendido o porquê da linguagem ser importante ali. Já havia passado por muitos causos, já havia aprendido muito com eles e elas. Mas mesmo assim, quando *S.* me coloca junto a elas no “maloqueira boca suja”, entendi que existia um ponto de encontro na forma com que falávamos e é dele que eu quero falar. E *S.*, se tu ler isso um dia, quero dizer que tenho tentado não perder o que aprendi com você.

Em toda minha trajetória, eu nunca tive ume professore que falasse como eu. Que usasse gíria, que se parecesse comigo nesse sentido. Muito pelo contrário, desde o fundamental até o ensino superior, todes ês minhes professories criticaram, de algum jeito, a forma como eu falo. “Boca suja” nunca tinha sido um elogio até aquele momento. Talvez por não ter tido essa referência que eu não percebi a relevância de falar com eles e elas como falo com minhas amizades, como falo na vida.

Desde os primeiros contatos, minha forma de falar era cheia de gírias que eu não fazia questão de filtrar (*anedota: isso me rendeu algumas broncas no trabalho quando minha chefe estava por perto*) e essa não era, de todo modo, uma escolha neutra, pois nenhuma escolha na comunicação é. “Na verdade, toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira em favor ou em defesa, sutil ou

explícita, de algum ideal contra algo e contra alguém.” (FREIRE, 2011, p. 136). Aquilo era uma forma de não me perder de mim, mesmo ocupando um espaço tão embranquecido, uma forma de não me perder mesmo tantas pessoas falando que eu não poderia ser eu mesma como educadora-mediadora. Ora, se não posso ser eu mesma, quem serei? Me alivia, levemente, saber que bell hooks também passou por isso.

Estava implícito que o eu desapareceria no momento em que entrávamos na sala, deixando em seu lugar somente a mente objetiva - livre de experiências e parcialidades. Temia-se que as condições do eu prejudicassem o processo de ensino. (hooks, 2013, p. 29).

Mesmo assim, precisei que eles e elas me falassem para eu entender a grandeza desse ato. Precisei que S. me ajudasse a perceber que nossa fala era parecida. Não que eu tivesse percebido antes, mas partir de mim é diferente de partir delas. Isso porque, por mais que eu me visse nelas, eu estava ocupando um lugar hierárquico na relação. Estava ali como educadora-mediadora, e por mais que particularmente não acredite nisso, a hierarquia era imposta desde o início da relação quando me apresentavam como “senhora”⁷.

Eu não poderia quebrar a hierarquia sozinha, mas foi na língua que nos transformamos em sujeitos (hooks, 2013, p. 224). Foi através da fala que S. e eu nos aproximamos e essa foi uma forma de nos enxergarmos enquanto duas pessoas, não só educadora e educanda. Não só S. e eu, mas generalizo para a maior parte das experiências que tive com eles e elas, foi na linguagem, também⁸, que nos reconhecíamos e eles e elas perceberem isso é muito precioso pra mim. Meu avô me dizia que para se aproximar de alguém, você não pode dar todos os passos - depende dos dois lados. Em uma linguagem própria, cheia de particularidades, coisas que diziam muito sobre nossa origem, principalmente, nós nos resgatamos mutuamente.

Para curar a cisão entre mente e corpo, nós, povos marginalizados e oprimidos, tentamos resgatar a nós mesmos e às nossas experiências através da língua. Procuramos criar um espaço para a intimidade. Incapazes de encontrar esse espaço no inglês padrão, criamos uma fala vernácula fragmentária, despedaçada, sem regras. (hooks, 2013, p. 233).

⁷ Explano mais sobre isso no Capítulo Y: Não me chame de senhora.

⁸ Digo “também” porque no Capítulo Y: Não me chame de senhora, cito questões de raça e classe.

Por último, uma ressalva: não se engane, não é por nos reconhecermos e por falarmos de uma forma “diferente” que havia menos compromisso. Me entristeço junto com bell hooks quando vejo pessoas, inclusive colegas da arte educação, que acreditam que essa identificação, e eles e elas gostarem disso, resulta em menos rigor acadêmico (2013, p. 267). A sujeito academia gosta de dizer o que é ou não teoria e conhecimento, mas essa hierarquia de classes intelectuais onde o que é considerado do meio é completamente abstrato (hooks, 2013, p. 89) é o que faz muitas pessoas acharem que não podem/conseguem criar, falar, escrever, refletir formalmente. Eu, eles e elas fazíamos isso o tempo todo, mas ao nosso modo. Não considero, nem um segundo, que o conhecimento que construíamos era inferior intelectualmente apenas pela linguagem diferente do padrão. E se saía um palavrão ou outro no meio, uma gíria ou um erro de concordância, o que importa?

Resposta: não importa.

Capítulo Y: Não me chame de senhora

- Entrelinhas

Em uma das visitas com um grupo de 5 meninos da Fundação Casa, estávamos a fazer nossos cadernos-diários enquanto conversávamos. Em volta de uma mesa retangular coberta de papel kraft, os meninos cochichavam entre si comentando um com o outro sobre seus escritos, eu comentava qualquer outra coisa hora ou outra para quebrar o silêncio de buxixo. Os agentes e a educadora estavam em pé, em uma porta levemente distante, mexendo no celular na maior parte do tempo.

Quando percebi que a maior parte já havia acabado seu caderno, comecei a riscar a mesa para passar o tempo. Um deles olhou com um sorriso travesso e perguntou “Nóis pode também?”. Eu sorri igualmente antes de responder “Pode, só não vai me comprometer ou se comprometer”. É importante dizer que dentro da Fundação eles não podem fazer isso, porque lá não é permitida uma comunicação não verbal. Porém, não estávamos lá dentro naquele momento, por isso resolvi apostar neles. Após ouvir minha resposta, outro deles perguntou “E tu vai conferir pra ver se nóis te comprometeu?”. “Oxi” respondi “eu não, sua conta em risco”. Eles riram e eu também.

Começamos a preencher a mesa com desenhos e escritos, quando um deles solta “Tu já aprontou bastante, ein senhora?”. Pensei uns segundos nessa frase enquanto olhava para a cara dele. Não cabia uma resposta, porque talvez fosse uma daquelas perguntas que não cabe resposta. “Não me chama de senhora” foi o que me limitei a dizer e ele riu.

- Antes, um parênteses

É importante salientar que nem todes que estão em situação de privação de liberdade na Fundação Casa são necessariamente pessoas periféricas e/ou pretas ou não brancas. Esse é um recorte da minha vivência com alguns garotos e algumas garotas específicas, e eles e elas tem nome, rosto e vida para além dessa situação. Falo aqui de uma forma generalizada por essa ser a realidade da maioria entre eles e elas e, no que vivemos em conjunto, esse recorte foi importante para o que

construímos e descobrimos. Tenha isso em mente o tempo todo, principalmente nesse capítulo e no Capítulo Z. Fecha parênteses, vamos à reflexão.

- O riso da entrelinha: ubuntu

Há uma doçura nas entrelinhas dessa história. Os meninos que rabiscaram a mesa dividiram comigo aqueles microssegundos que um olhar e uma risada diziam muito. Porém, o que quero atentar nessa história não é o carinho que tenho por ela, por mais explícito que ele seja. Quero me atentar ao riso do menino quando pedi a ele que não me chamasse de senhora, pois há muito atrás desse riso.

Em quase todas as visitas que realizei para meninos ou meninas em privação de liberdade na Fundação Casa, me apresentavam como “senhora Tayná”. Aquilo me incomodava, e por esse motivo, em todas essas visitas, começava me apresentando da mesma forma: “eu sou Tay, de Itaquera”. E é desafiador tentar explicar o porquê, pois na minha cabeça, o motivo é nítido.

Após as primeiras vivências que tive com os meninos da Fundação Casa, passei a entender que eu me identificava com eles e elas. A maioria era da periferia da cidade, garotos pretos ou não brancos, garotas pretas ou não brancas. Me vi neles e nelas em nossos breves contatos. Entendi também que eles e elas poderiam se identificar comigo, porque, em um contexto geral, eu vinha da onde eles vinham também.

- Um segundo parênteses, no meio do texto dessa vez

Apesar de tudo isso, eu não os representava, e acredito ser importante dizer que não falamos aqui de representatividade. Apesar de todos os outros significados dessa palavra hoje, quero me atentar a sua etimologia. Representatividade deriva de representar, que de acordo com Andréia Souza (2016, p. 86): “A palavra representar, vem do latim *repraesentare*, que segundo o dicionário etimológico quer dizer ‘colocar à frente’ no sentido de trazer à baila a idéia que concebemos de algo ou alguém.” Não acredito no sentido de colocar alguém à frente, de trazer alguém a cena de alguma forma. Por isso, seguiremos a partir da palavra *ubuntu*, que de acordo com Alexandre do Nascimento (2016, p. 1): “Ubuntu, palavra existente nos idiomas sul africanos zulu e xhosa que significa “humanidade para todos”[...]” e, mais aprofundadamente: “Do ponto de vista filosófico e antropológico, o ubuntu retrata a

cosmovisão do mundo negro-africano.[...] ubuntu pode ser traduzido nestes termos: “Eu só existo porque nós existimos.” (MALOMALO citado por NASCIMENTO, 2016, p. 1). Seguindo esse caminho, não os represento, eu existo porque, em dado momento, existi junto com eles e elas. Fecha parênteses.

- O riso da entrelinha: ubuntu (continuação)

A questão de raça e realidade social era o primeiro passo para nossa relação ser mais próxima. Passo esse muito importante, inclusive. Por entender que nossa comunicação era, também, cosmológica⁹, passei a me apresentar distante do "senhora" que me impunham e sim de uma forma que apresentasse, de cara, quem eu era independente daquela instituição. Apenas como Tay, uma pessoa próxima a eles. De Itaquera, que é da onde venho, onde cresci.

Mas, essa identificação por si não fez com que criássemos uma relação. De nada adiantaria me apresentar como Tay, de Itaquera, se eu me posicionasse no lugar de professora-profeta.

O professor-profeta se configura como visionário de um futuro melhor para os alunos, a partir de um conhecimento a ser professado de forma reveladora para estes. [...] Performar este papel geralmente pressupõe que o educador encare os alunos como tábula rasa, depósito do conhecimento, incapazes de ter acesso a este sem auxílio do docente. (RACHEL, 2013, p. 26).

Se eu tratasse os meninos e as meninas da forma que Denise Rachel relata nesse trecho¹⁰, a nossa identificação racial e/ou social não seria o suficiente para sustentar uma relação. Isso porque eu os afastaria de mim, me colocaria como superior a eles e elas e iria contra a noção de *ubuntu*, de existir em conjunto. Como ensina Paulo Freire, acabaria falando *para* eles, não *com* eles (2011, p 113).

Para fugir de ser uma professora-profeta, precisei me colocar como sujeito na situação. Precisei ir ao encontro de mim mesma como mulher negra e de Itaquera, para que eles pudessem me ver também dessa mesma forma. Para assim romper,

⁹ Peguei emprestado esse termo do pensador e escritor Nêgo Bispo (Antonio Bispo dos Santos) que explana mais do assunto em uma conversa para o Itaú Cultural em novembro de 2020 na quinta edição do *Mekukradjá: construção de pontes* disponível na minutagem 4min a 5min11s no link: <https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdgJxw>.

¹⁰ Denise Rachel compõe essa definição a partir do modelo nomeado pelo filósofo da educação Sílvio Gallo.

em conjunto, com essa performance do “senhora” que me colocava acima deles e delas apenas pela posição de educadora-mediadora que eu estava.

bell hooks, em uma entrevista com Ron Scapp, conta como foi esse caminho de ser sujeito em sala para ela: “Reconhecer que somos corpos na sala de aula foi importante para mim, especialmente no esforço para quebrar a noção do professor como uma mente onipotente e onisciente.” (2013, p. 185). E Ron Scapp complementa:

Quando você sai da tribuna e caminha, de repente o seu cheiro, o seu jeito de se movimentar ficam evidentes para os alunos.[...] O aluno e o professor olham um para o outro. E quando nos aproximamos fisicamente, de repente o que digo não vem mais dessa linha invisível, dessa muralha de demarcação que implica que tudo o que vem deste lado da escrivaninha é ouro...” (SCAPP citada por hooks, 2013, p. 185).

No meu caso, não havia uma mesa, uma tribuna ou uma escrivaninha. Havia a linha divisória da palavra, à qual era inicialmente rompida quando eu pedia para que me chamassem pelo meu nome. Porém, só fui capaz de romper nessa história que conto porque o *menino do riso* me deu a oportunidade do desconforto. Se ele não me chamasse de “senhora” naquele momento, eu não poderia reforçar com “não me chame de senhora”. Não poderia transgredir nada sozinha, eles me deram a chance de existir de uma forma diferente. Novamente, *ubuntu*. Eu só existi porque eles existiram, só transgredi porque eles me possibilitaram.

Além da palavra, porém, havia mais uma linha divisória entre eles e eu. O espaço físico. O “de Itaquera” na minha apresentação sempre se mostrou essencial. Por mais que eles e elas não fossem exatamente do mesmo lugar que eu, existe um senso de comunidade que pulsa quando você encontra uma pessoa também de periferia em espaços que muitas pessoas dizem que não é pra você. Eu não era da Av. Paulista e era importante frisar que, por mais que aquele espaço pudesse os afastar, juntos poderíamos construir uma nova forma de ocupá-lo. bell hooks (2013) conta que o sentimento de comunidade cria um compromisso partilhado (p. 57), logo, todos somos capazes de agir com responsabilidade para criar um ambiente de aprendizado (p. 203).

Aprendemos, desenhamos na mesa, transgredimos, compartilhamos, existimos. Passamos por duas linhas que queriam criar abismos entre nós, colocamos *ubuntu* em prática e, por fim, rimos. O riso do menino após a minha fala

vem dessa prática conjunta que criamos. Da nossa identificação mútua, da nossa comunidade de aprendizado, da nossa transgressão na palavra e na mesa rabiscada, da nossa existência que se cruzou - *ubuntu*.

Pausa para elaborar

Talvez seja abstrato pensar como o espaço modifica as relações. Para mim, que passei longos períodos entre a minha quebrada e outros lugares, tudo é bem concreto. Por isso, nessa pausa, convido Tay de 2017 (em vermelho) para falar sobre as diferenças do lado de cá, Itaquera, e do lado de lá, que pode ser interpretado como qualquer espaço do dito centro de São Paulo. Nada desse texto foi modificado para caber na monografia, em respeito ao meu eu do passado.

De passo em passo, aprendi a ler muros de longe ou um tapa na cara de universitário

Muros que alternam entre o grafite e propaganda de gente que não vale a pena. Casas amontoadas umas em cima das outras, às vezes querendo cair, às vezes caídas. Nada quitado ou muito menos permitido. Ocupação, invasão, chame como quiser do lado daí, porque do lado daqui o nome disso é lar. Ruas apertadas de paralelepípedos, esburacadas, cheias de sujeira porque o caminhão de lixo não consegue passar e também não ousa. Cheiro de comida se você for no momento certo, mas não necessariamente “horário de almoço”; porque, posso te contar? Isso aí é invenção de patrão branco. Do outro lado chamam de risoto, mas por aqui é só uma mistura do arroz de ontem com ovo e a seleta de legumes da cesta básica. Crianças descalças correndo na calçada quente, às vezes jogando bola, às vezes usando droga. Geralmente fora da escola, porque não há escola. Senhores nos bares de esquina no que vocês aí chamam de “happy hour”, mas eles não tem a escolha de dar um nome bonito pro próprio vício. Querendo ou não, são nossos tios, pais, avós. Fora daqui, mães que lutam e levam nas costas um lar inteiro sozinhas. Cada qual com um peso maior do que poderiam suportar, ah, mas elas suportam sim, verdadeiras guerreiras que regressam todos os dias para nossa comunidade, nossa raiz. Do lado de vocês elas são as empregadas, lavadeiras, babás, costureiras; do lado daqui são orgulho. E do outro lado cês sabem o que é camisinha, DST... Desse lado de cá uma garota da rua de baixo morreu ao tentar fazer um aborto com agulha de tricô. Jovens fora da escola ou quiçá, no mundo de vocês, de uma faculdade, como se isso fosse realidade pra cá. A maior parte trabalha pra ajudar a mãe ou para se sustentar depois de ter sido expulso de casa. Alguns na padaria, alguns no mercadinho, alguns no tráfico. Rondas constantes de policiais que se assemelham aos tanques de guerras, postura impecável, a política deles não ter misericórdia, não com a gente. Preto e pobre não tem vez, preta? Muito menos. Tiros sem motivo que colocam as crianças em casa, os senhores no bar de portas fechadas, impede o regresso das mães. O jovem? No meio do tiroteio, armado ou não. Não

importa, a gente sempre perde. Não a luta, mas um de nós. Não há hospitais pra gente e insistem em dizer que não há lugar também.

De todas as coisas que poderia falar sobre epistemologias do bar ou de como é reconfortante acordar sem barulho de tiros em uma manhã de quinta-feira pós jogo, duvido muito que alguém do lado daí vai entender. Aproveitando que usei ao menos uma palavra acadêmica, posso afirmar que esse não é meu lugar, não é? Vocês mesmos reafirmam isso todos os dias. Por isso acredito que o bar sim é lugar que gente como eu pode falar sem ter medo de instituições. E não to falando daquele bar pós aula de um professor que ninguém gosta e eu também não to julgando, mas eu to falando de ficar bebendo até 10h da manhã com seu irmão porque não parece que existe uma saída melhor pro lugar que vocês se enfiaram quando sonharam que o teatro servia pra alguma coisa pra gente como vocês. E por mais que pareça bonito ser pobre e de como é legal roubar as coisas nos mercados, do lado de cá a gente aprende a ser mão leve por necessidade, pra não passar vontade que vocês, desse lado, não fazem ideia do que seja. Eu não sou coitada, não quero e nem preciso da pena de vocês e do lado daí eu nem sei como funciona. Mas na boa? Por mais que vocês visitem a quebrada, por mais que vocês gostem de dizer que sabem como é, por mais ações sociais e peças que vocês façam em periferias, vocês não tem ideia do que é viver do lado daqui e ver o sangue dos seus pintando o chão de gente como vocês.

Epistemologias do sul não se comparam a epistemologias da leste.

Capítulo W: O que palhaçaria tem a ver com isso?

Não me proponho a definir o que é ou o que deixaria de ser uma palhace neste breve capítulo. Muitas pessoas já fazem essa pesquisa e são muitas as contradições dessa figura, assim como suas infinitas origens. Entendendo isso, o caminho que você encontrará aqui será a relação entre alguns elementos ditos da palhaçaria com a educação. Mesclando algumas pessoas que falam sobre essa máscara cômica com alguns pensadores da educação, a minha experiência com ela e com os meninos e as meninas da Fundação Casa, me pergunto: o que Donna, minha palhaça, ensinou para Tay educadora?

- Uma parte inacabada, nada é contínuo

Comecei na palhaçaria em 2014, em um evento de igreja. Após uma primeira experiência, passei 2 anos em hiato, retornando apenas em 2016, no ano que adentrei na UNESP. Nessa época, surgiu o EPIA (Encontro de Palhaçaria do Instituto de Artes), com a proposta de iniciação à máscara dirigida por Leticia (Leka) Mariano, Diogo Inácio e Bruno Silvério. Ao lado deles e dela, além de diversas outras pessoas, fizemos um processo de 1 ano de iniciação, além de mais outro ano inteiro do projeto, dessa vez aberto para quem já possuía outras pesquisas na palhaçaria. Nessa sequência de quase dois anos, não fiz outras formações além daquele espaço colaborativo. Aprendi muito ao lado de colegas do EPIA, porém, mesmo tendo disponibilidade, na época eu não conhecia outras formações ou formadoras da linguagem da palhaçaria.

No final de 2017, foi dada a largada da Ocupação Vulverística na Lona, um projeto composto, na época, exclusivamente por mulheres cisgênero que realizava cabarés circenses. Neste período, eu apenas possuía número com homens e nenhum número solo, logo, estava sem função. Por isso, decidi ser MC do cabaré, a Mestre¹¹ de Cerimônias. O que eu sabia na época é que a função de uma MC é medir a energia do público e preparar as pessoas para o que vem a seguir, seja o próximo número, o intervalo ou o final do espetáculo. Mais tarde, esse processo se tornou minha pesquisa pessoal de Palhaça MC, afinal, havia uma infinidade de possibilidades naquele papel. Já chegamos lá.

¹¹ Utilizo aqui “mestre” e não “mestra” porque, na época, era a única possibilidade que conhecia.

No primeiro cabaré da Ocupação, improvisei tudo por não saber bem o que fazer. A partir do segundo, já estava trabalhando na mesma instituição cultural que cito em diversos capítulos desta monografia. É importante dizer que trabalhava lá de terça a sexta, todos os feriados e sábados e domingos alternados. Juntando isso com o EPIA, a Ocupação e a graduação, já não me sobrava muito tempo. Saía de casa diariamente às 6h40 da manhã e retornava às 1h da manhã. Por isso, ao mesmo tempo que em 2016 eu não possuía expertise para fazer cursos e/ou formações, já em 2018, eu não possuía tempo. E isso se torna importante a partir do momento que eu passei a trabalhar puramente em cima do improviso por não ter tempo para planejar algo a mais. Talvez eu já soubesse naquela época o que Chacovachi (2016, p. 27) diz: “para ser clown você precisa dizer com quem estudou; para ser palhaço somente precisa dizer que você é.”

Após a terceira vez como MC, passei a tomar gosto pelo improviso, pelos erros, pelas descobertas. Não preparava nada e esperava, do público, um material para trabalhar em cima. *Com o corpo presente pelo prazer de se estar em cena, com a escuta aguçada para que nenhum material me dado fosse rio abaixo, com muita vontade e curiosidade. Sendo honesta comigo e com o público, sendo simples porque eu só tinha as palavras para oferecer, com coragem para quebrar a cara se necessário.* Eu tinha uma função específica na apresentação, porém, anunciar um número ou medir a energia do público se tornou uma grande desculpa para poder conversar com o público. Afinal, o palhaço é comunicação e se deixa de se comunicar, deixa de existir (CHACOVACHI, 2016, p. 10).

[UM SALTO HISTÓRICO PARA O PRESENTE - PREENCHA AQUI]

Eu já preencho, só um minutinho!

É interessante pensar nessa figura de palhaça MC. Isso porque, toda trajetória que conto a vocês sempre foi permeada pelo pensamento de “sou mesmo palhaça?”. Novamente, preciso dizer que sou (CHACOVACHI, 2016, p. 27). Porém não só palhaça, sou palhaça mestre de cerimônia, sou palhaça MC. Esse termo, inclusive, é pego emprestado do movimento Hip Hop. O pesquisador e meu amigo Marcos Faria (carinhosamente apelidado de Tico) diz:

MC, ou Mestre/Mestra de Cerimônias: É o artista que dá a letra. [...] o/a mc apropria-se da arte de narrar para se expressar. Segura o microfone com a responsabilidade de dizer o que pensa, assumindo sua posição de sujeito no mundo, ao mesmo tempo em que têm, ou busca ter, consciência de seu lugar na comunidade. [...] o MC canta, declama, fala, contando sua vida à sua maneira. Recria, na atualidade, práticas culturais africanas, nas quais a linguagem oral é matriz da sociedade (FARIA, 2021, p. 19).

Eu não cantava ou narrava, isso porque sou palhaça MC, não somente MC. Ao mesmo tempo, não estava lá sem a qualidade de declamar, porque sou palhaça MC, não somente palhaça.

Relacionando minha vivência de palhaça com a definição que Tico traz sobre o papel de MC, me arrisco a dizer que ser palhaça MC é utilizar da fala para criar relações. No contexto de ser MC no picadeiro, era com base no material das cenas/números apresentados naquela noite. E no contexto com os meninos e as meninas da Fundação Casa, o que palhaçaria tem a ver com isso?

- Não precisa saltar, podemos preencher com pontes

Faltou um pedaço de texto ali em cima. Te explico: entender minha trajetória na palhaçaria e que ela culminou nesta pesquisa de palhaça MC é algo contemporâneo a tudo que vivi. Na época, não entendia qual era minha pesquisa, não entendia porque eu só improvisava, não tive um Chacovachi que disse que eu só precisava dizer que era palhaça (2016, p. 27) e pronto, acabou. Não entendia, nem mesmo, quais eram as minhas qualidades como palhaça, porque mesmo aprendendo muito na prática dentro do EPIA e da Ocupação Vulverística na Lona, eu não conseguia me olhar.

O salto histórico anterior corresponde ao momento que Donna me ensinou sobre ser educadora, quando convivi com os meninos e as meninas. Consequentemente, sendo palhaça que se comunica, me fiz existir junto com eles e elas, *ubuntu*¹². Adicionando um “traço palhaça” no combo educadora-mediadora.

Na época em que comecei a dar visitas guiadas para grupos de meninos ou meninas da Fundação Casa foi, coincidentemente, a mesma quando comecei a pesquisar o papel de MC no circo. Esses dois papéis se mesclavam em qualidades constantemente, por isso irei tentar listá-las brevemente (e deixarei um espaço em branco caso tu, pessoa que lê, queira acrescentar algo):

¹² Explano mais sobre esse termo no Capítulo Y: Não me chame de senhora.

1. Escuta

Na palhaçaria, a escuta é um dos principais pilares. Em um jogo cômico de mestre de cerimônia, se você não escuta seu público, você corre o risco de perder materiais cênicos incríveis que ele te oferece.

Em uma apresentação na Ocupação, fiz uma entrada que não sabia o que podia dar. Entrei com um cigarro na boca dizendo ao público que eles não podiam fumar dentro da lona, que corria risco de incêndio e que poderiam ter não fumantes ali. Tudo isso, enquanto fumava. No mesmo segundo, uma criança da plateia disse em alto e bom som: “mas você tá fumando!”. Imediatamente, enfiei o cigarro na boca e comecei a mastigá-lo (não recomendo, inclusive) dizendo: “eu não tô fumando não! Vocês tão vendo cigarro aqui? Eu não tô!”. As risadas pela quebra de expectativa encheram o picadeiro, ninguém esperava uma palhaça comendo cigarro.

Há algo de muito bonito na escuta, porque ela não é unilateral. Se escuto meu público, ele me escutará de volta. Escutei a criança me dando ordens, eles me escutaram de volta entendendo que a piada era justamente aquela hipocrisia de fumar dizendo que não podia. Escutamos juntas as risadas que preencheram a lona do circo e nesse dia eu aprendi um novo truque.

Com os meninos e as meninas, a escuta também era fundamental. A experiência física de escutar, a escuta com atenção em cada pessoa, fortalece nossa capacidade de aprender juntas (hooks, 2013, p. 247), logo, era escutando que pude aprender com eles e elas. Se não houvesse escuta, não poderia aprender um novo truque de palhaça, assim como não poderia me dizer educadora-mediadora-palhaça. Se não houvesse escuta, talvez eu perderia o show dos *meninos cantores*¹³ e não aprenderia tanto sobre a importância dos Racionais MCs para eles. Isso porque a escuta é generosa, de dar e receber. Como em um jogo de bola, essa é a escuta que devemos ter com nossos parceiros e que devemos dar para a plateia (CASTRO, 1997, p. 5).

No picadeiro e nas visitas mediadas, a escuta fez com que criássemos uma dramaturgia coletiva dos nossos momentos compartilhados, pois todes contribuía

¹³ História contada no Capítulo Z: Jesus Chorou e fugiu.

para a criação, e fez com que desvendássemos outros saberes. Azevedo (2017, p. 49) (ou o palhaço Paçoquinha, como quiser chamar) diz: “é importante escutar para além/aquém dos saberes hegemônicos e acessar um saber tão ou mais valioso que os considerados verdadeiros”. Acrescento: os saberes que construímos através da escuta é de inestimado valor.

2. Presença

Quando falamos de presença aqui, é importante dizer que é algo que a física não explica. Isso porque não é só a presença de corpo, longe disso. Essa presença¹⁴ pode ser entendida aqui também como disponibilidade, como uma movimentação interior e individual de *estar*, entendendo que *somos* a cada segundo. Ninguém melhor que um palhaço para saber disso, porque os palhaços vivem no presente (CASTRO, 1997, p. 13).

Muitas pessoas que pesquisam a palhaçaria comparam quem usa a máscara com uma criança, isso porque há infinitas qualidades em uma criança nas quais podemos nos inspirar. Aqui, vamos focar em uma específica e Angela de Castro começa nos contando um exemplo:

Por exemplo: quando o adulto tira uma caixa de fósforos das mãos de uma criança. A criança chora, grita, esperneia, fica triste, fica com raiva, se joga no chão, chuta parede, acorda o vizinho, faz o diabo... A criança atravessa todos os sentimentos um por um: frustração, decepção, raiva, tristeza e depois esquece tudo, rapidamente, quando o adulto lhe dá um sorvete. Fica tudo bem de novo (CASTRO, 1997, p. 13).

É muito comum, no meio educacional ou fora dele, colocarem a criança como inferior, burra ou não observadora por situações como essa exemplificada acima. Digo isso por experiências pontuais que vivi, e talvez tu, pessoa que lê, já tenha visto isso também. Porém, há uma grande qualidade nas crianças que nós, adultos chatos, muitas vezes colocamos como um defeito ou como motivo para uma inferiorização: crianças são inacabadas. Paulo Freire nos conta mais sobre esse termo: “Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (2011, p. 50). E talvez por ter

¹⁴ Existem muitos tipos de presença quando falamos de palhaçaria, assim como muitas formas de explicar o que é isso. Aqui, vou contar uma das minhas visões sobre presença, e em outros textos ao longo dessa aventura chamada monografia, você pode encontrar outros formatos dela. Assim como você pode reler qualquer história escrita aqui ou em qualquer outro capítulo e vislumbrar o que irei explicar aqui.

consciência do inacabamento que as crianças nos ensinam tanto sobre viver e por não entender nada sobre que nos tornamos adultos chatos.

O ser inacabado da criança (que nos inspira a tomar consciência de nosso inacabamento) é potência e ela dialoga com o palhaço e com o educador. Palhaços necessitam saber estar presentes e fazem isso com a liberdade que a máscara dá: entende que se você vive no presente sendo inacabado, você só pode deixar o cotidiano acontecer e ser afetado por ele. O educador, em sala de aula, também precisa estar presente (para além do sentido físico, pois nos anos de 2020 e 2021 vimos que nem sempre há o compartilhamento da presença física) no ambiente e ser inacabado para, através das vivências e trocas com os alunos, ir se preenchendo - com a consciência de que nunca estará cheio, sempre estará incompleto, no melhor sentido da palavra.

Quando saio de casa para trabalhar com os alunos, não tenho dúvida nenhuma de que, inacabados e conscientes do inacabamento, abertos à procura, curiosos, “programados, mas para aprender”, exercitaremos tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender e de ensinar quanto mais sujeitos e não puros objetos do processo nos fazemos (FREIRE, 2011, p. 58).

3. Honestidade e erro

Como boa palhaça, tenho lá minhas cartas na manga. Quando não sabia o que fazer em uma entrada, costumava fazer um jogo ritmado. Aprendi esse número clássico com meu amigo Miguel e com o tempo fui dando a minha cara a ele. O jogo consiste em algo simples: se eu digo sim, você tem que dizer não. Se eu digo ah, você tem que dizer é. E isso para qualquer som, sempre oferecia algo que o público dissesse em troca, geralmente o contrário.

A intenção era fazer o público formar pequenas frases comigo, seguindo a estrutura:

- Donna: se eu digo sim, se eu digo sim, se eu digo sim vocês tem que dizer não: sim sim sim
- Público: não, não não
- Donna: sim, sim, não
- Público: não, não, sim

- Donna: se eu digo ãh, se eu digo ãh, se eu digo ãh vocês tem que dizer é: ãh, ãh, ãh
- Público: é, é, é
- Donna: ãh, é, ãh
- Público: é, hã, é
- Donna: se eu digo sim, se eu digo sim, se eu digo sim vocês tem que ficar esperto: sim hã sim
- Público: não é não

Comumente o público se confundia, errava as ordens, criavam uma grande confusão. Eu também errava, me confundia, confundia o público e criava uma confusão maior ainda. Quando acontecia, eu perdia a pose, assumia o erro, ríamos juntos e depois voltávamos para a música.

Um palhaço contou para uma palhaça que uma vez me disse que o erro é uma oportunidade, seja de acerto, seja de algo novo. Mas para isso é necessário ser honesto para assumir seu erro. São muitas ês estudiosas que comentam sobre a potencialidade do erro na palhaçaria, assim como Angela de Castro que diz que ser honesto é externar seus sentimentos sem medo e que palhaces precisam ser corajosos para expor a própria vulnerabilidade (1997, p. 7-10).

Errar em frente a um público é, além de muitas coisas, assumir que você, mesmo estando a frente deles (ou no centro, em caso de rodas), é tão passível de ser ridículo e tomar atitudes ridículas quanto qualquer um ali. É assumir que você não deu conta de uma expectativa criada, seja ela acertar um jogo de palavras ou fazer dar certo uma cena. Como em todo jogo, errar faz parte.

Minha trajetória como educadora-mediadora é repleta de erros e arrisco dizer que, se não houvesse um traço palhaça, não saberia lidar com eles. Como no caso do *menino mais alto*, onde reproduzi violências com ele e errei ao colocá-lo no lugar de “menor”¹⁵. Ser palhaça me ensina a ser sincera com meus sentimentos como educadora, a assumir meus erros, meus não saberes, minha vulnerabilidade.

¹⁵ História contada e assunto explanado no Capítulo Z: Jesus Chorou e fugiu.

4. Interesse e vontade de gente

Tanto como MC quanto como educadora, havia um hábito em mim: esperar os meninos e meninas/esperar o público parada, sozinha, ansiosa. Os poucos minutos enquanto estava esperando a van da Fundação Casa na frente da instituição que trabalhava, era quando eu repassava todas as minhas vontades. Os poucos minutos enquanto esperava o público entrar na lona, era quando amaciava todas as minhas ansiedades. Esses curtos momentos eram muito semelhantes em sensações. Nunca sabia quem viria ao meu encontro, mas queria conhecer e descobrir o que nosso encontro poderia proporcionar.

Se interessar pelo público, pela sala de aula, pelo picadeiro, por seus alunos. Querer saber quem são, olhar para cada um, respeitá-los (hooks, 2013, p. 247). Todas essas qualidades consigo enxergar tanto em um educador quanto em um palhaço. bell hooks conta que suas professoras faziam de tudo para conhecer a ela e seus colegas, saber mais que o nome, saber o contexto (2013, p. 11) e, por mais que isso nem sempre seja possível saber todo o contexto quando se está de MC, a essência do interesse permanece a mesma.

Esse interesse em conhecer era, também, uma vontade de gente. Cito novamente Chacovachi: o palhaço é comunicação e se deixa de se comunicar, deixa de existir (2016, p. 10). Com quem é palhaço se comunica? Com gente. E sem gente, é palhaço não consegue jogar sua partida (CHACOVACHI, 2016, p. 95). É educador e é palhaço se parecem muito nisso também, pois Ron Scapp diz em uma entrevista com bell hooks: ser professor é estar com as pessoas” (RICH citada por hooks, 2013, p. 222).

5. Riso

Este último é uma contradição. Isso porque o riso é mais do que bem vindo na lona de circo, mas muito mal visto na educação. Não preciso dizer que como MC no picadeiro, o riso era um dos meus principais objetivos. Mas, como educadora-mediadora(-palhaça), eu buscava o riso tanto quanto.

Nunca gostei muito de aulas sérias, talvez por isso me tornei a famosa aluna problema do fundão logo cedo. Não conseguia me concentrar por 45 minutos em um assunto chato, por isso era expulsa da sala por rir durante a seríssima aula de matemática do professor

Humberto no ensino médio. Ao mesmo tempo, era uma das melhores alunas na aula de matemática do professor Marcelo no fundamental II, que fazia piadas sobre contas distributivas serem providenciadas pelo “taradinho”.

Por respeito a quem fui no passado, me tornei a educadora que busca dar aulas divertidas, fugindo de aulas morais onde o riso não encontra brecha (LARROSA, 1998, p. 172). Por saber que os meninos e as meninas muitas vezes não podiam rir no contexto que estavam inseridos e inseridas, me sentia na obrigação de fazer com que nossos momentos fossem divertidos.

Isso me resultou em muitos esporros no trabalho, por provocar o surgimento de *meninos cantores*, por aceitar que desenhassem palhaços¹⁶, por cutucá-los até surgir um risinho sem graça, por buscar o nosso divertimento. Imagino que as broncas sejam pelo que Ron Scapp nos conta:

O prazer em sala de aula provoca medo. Se existe riso, pode ser que um intercâmbio recíproco esteja acontecendo. Você está rindo, os alunos estão rindo, alguém passa por ali, entra na sala e diz: “Tudo bem, você consegue fazê-los rir. Mas e daí? Qualquer um sabe contar uma piada.” Tomam essa atitude porque a ideia de reciprocidade, de respeito, nunca é levada em conta. (RICH citada por hooks, 2013, p. 194).

É importante essa reflexão, pois ela dialoga diretamente com os afetos em sala de aula, algo que a instituição que trabalhei muitas vezes olhava com suspeitas. Porém, “a afetividade não me assusta, não tenho medo de expressá-la” (FREIRE, 2011, p. 138). Pelo contrário, se eles e elas estavam rindo, eu entendia que estávamos no mesmo pé de raciocínio, pois é necessário para um palhaço mostrar o que está pensando para o público (CHACOVACHI, 2016, p. 10) - isso muitas vezes leva ao riso. O riso nos *presentificava*, afinava nossa *escuta*. Ríamos dos nossos erros e isso causava *vontade de estar junto*.

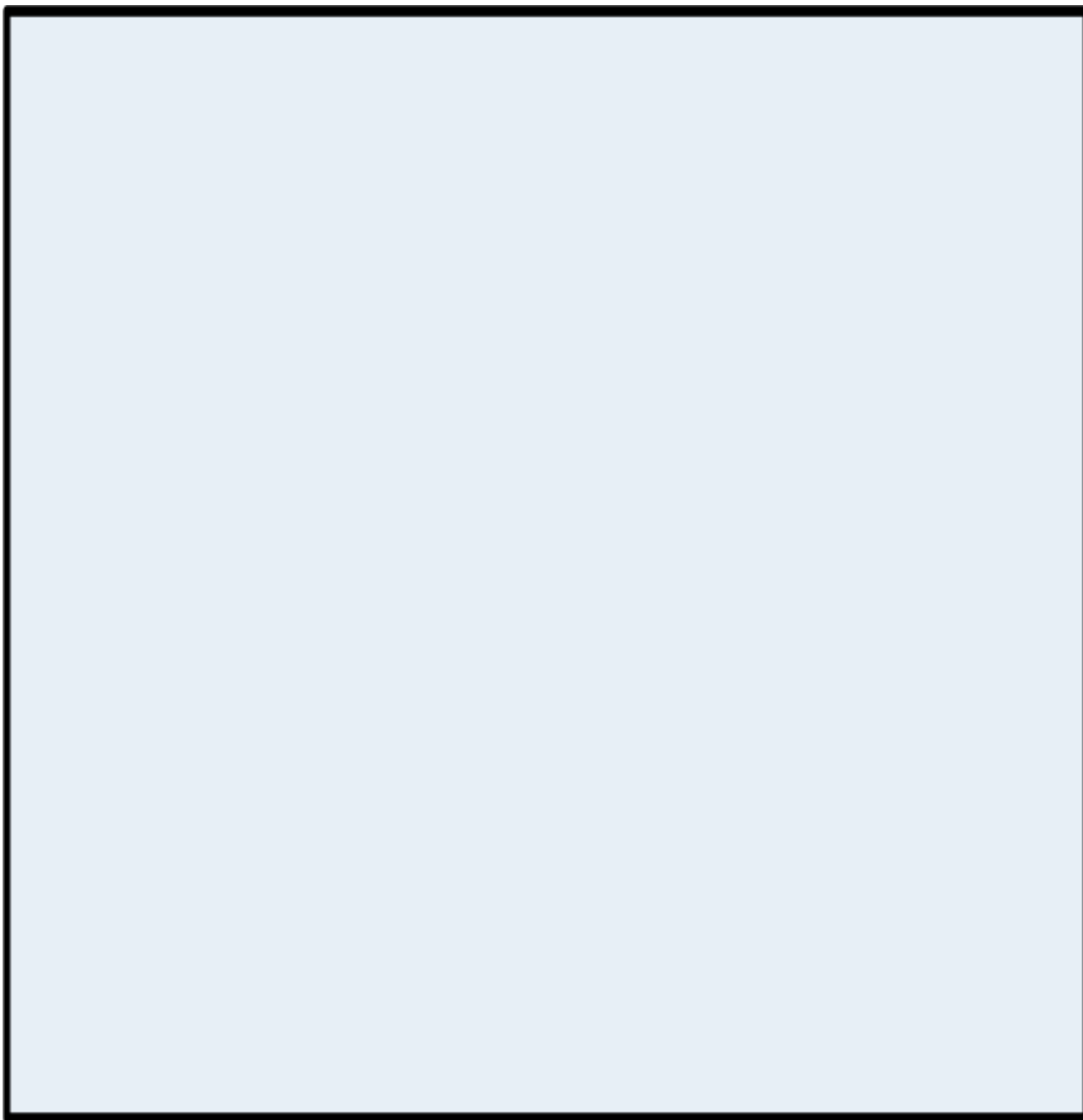
- Espaço para suas contribuições

Esses foram alguns pontos de diálogo entre a educação e a figura palhaça que encontrei na minha trajetória. Existem muitos outros e não tenho dúvidas que,

¹⁶ Na Fundação Casa eles e elas não podem desenhar nada que simbolize para os agentes alguma forma de apologia ao crime. É possível ver esses desenhos no Capítulo 8: A inutilidade de quem somos.

se me debruçasse sobre o tema, faria outra monografia completa. Essa não é a intenção aqui, porém, não poderia contar os caminhos que desbravei com os meninos e as meninas sem citar Donna. Muito se aprende com a palhaça, muito se aprende com eles e elas.

Deixo aqui esse curto espaço vazio e refaço o convite: caso tu, pessoa que lê, enxergue alguma outra relação entre educação e palhaçaria (ou qualquer outro vínculo entre sua vida e esses textos), por favor, contribua no meu chapéu, digo, trabalho:



Capítulo Z: Jesus Chorou e fugiu

- Primeiro, fugiu.

Havia acabado de chegar ao trabalho e, após bater meu ponto, fui ver o quadro de visitas. Nada para mim naquela manhã, mas um colega que estava no estágio a mais tempo que eu, *J.*, iria ter uma visita com três meninos da Fundação Casa. A parceria entre as instituições era antiga e já haviam me falado que eu, por ter pouco mais de 2 meses de estágio, não poderia pegar uma visita *daquelas* sem antes acompanhar uma pessoa mais experiente.

Perguntei ao *J.* se podia assistir sua visita e em 20 minutos já estávamos devidamente uniformizados aguardando a chegada da van. É importante dizer que aquelas eram as visitas preferidas de *J.* e, tempos depois, se tornaram as minhas também. Já chegaremos lá.

Seguindo o protocolo, quando a van chegou, descemos para recepcionar o grupo. Eram 3 meninos internos, 2 agentes e 1 educadora. Essa última foi a primeira a tomar a frente e me apresentou como “*senhora Tayná*”, e talvez já tenhamos conversado sobre isso por aqui, mas na época não me incomodava tanto. Era o procedimento padrão, afinal de contas.

A exposição que visitamos era sobre movimento corporal e dança, parecido com o que estava estudando na faculdade. Acompanhei *J.* em sua visita, quieta e observadora. Lembro de oferecer sorrisos quando os meninos olhavam para mim, lembro do rosto de cada um deles até hoje. Descemos para o hall dos elevadores, onde iria ter uma dinâmica, algo bem comum nas visitas. *J.* me convidou a dar um exercício antes da dinâmica, afinal, eu fazia teatro e a exposição tinha tudo a ver com isso.

Pouco sei do exercício que apliquei, mas me recordo de perguntar: *como vocês ficam quando estão esperando o ônibus?* e de no segundo seguinte odiar essa pergunta. Como poderia perguntar isso a quem estava em privação de liberdade? Pensei quão grande foi meu erro como educadora-mediadora nesse momento, me senti mal a ponto de não dizer mais nada.

Após esse momento e a dinâmica de *J.*, foi encerrado o tempo de visita. Voltamos ao térreo, nos preparamos para ir embora. A partir daqui, tudo aconteceu em um segundo: enquanto andávamos em direção a van que os esperava, um dos três meninos, o mais alto, pulou uma pequena grade e correu rua abaixo. Um dos dois agentes correu atrás dele e o outro encaminhou os dois meninos que ficaram para dentro da instituição novamente, os algemou e eu vi medo no rosto de todo mundo. O agente que havia ido atrás do menino mais alto voltou com a camiseta cinza escrita Fundação Casa em mãos e, no rosto dele, eu vi raiva, muita raiva.

Tive medo e raiva também. Medo de culparem *J.* e eu. Medo do agente. Medo pelo menino mais alto... Para onde ele iria? Como iria comer ou onde iria dormir? Tinha algum lugar para voltar? Raiva pelos meninos algemados na minha frente. Raiva do agente porque sabia que ele poderia descarregar em outro lugar o que ele sentia. Raiva de mim por não fazer nada naquele momento. Mas o que eu poderia fazer? Ainda não sei a resposta.

Recontei essa história diversas vezes nesse mesmo dia. Para meus colegas de trabalho, para minha chefe e a chefe da minha chefe. Vi as mais diversas reações das pessoas, mas nenhuma fala era sobre o menino mais alto. Lá dentro, se perguntavam como responder às possíveis perguntas que a Fundação Casa poderia fazer. Uma conversa entre prédios, imaginei.

- “*Eaí menó*”

Ver como aquele instituto lidou com o *menino mais alto* tirou minha inocência, nem parecia que estávamos falando de uma pessoa. Dentro de uma instituição que se preocupa com os indivíduos, acreditava que isso seria feito com ele também. Mas não era mais um menino, era uma perda de credibilidade da instituição como quem perdeu um celular que lhe foi emprestado. Não era mais um menino, era um criminoso, um fugitivo.

Qualquer outro adolescente que pulasse uma grade seria apenas preocupante de quebrar ou torcer uma parte do corpo, mas naquele contexto, o indivíduo não era o primeiro pensamento, nem sequer o segundo. A situação de

privação da liberdade que ele se encontrava era o suficiente para deixar de ser adolescente e passar a ser um “menor”.

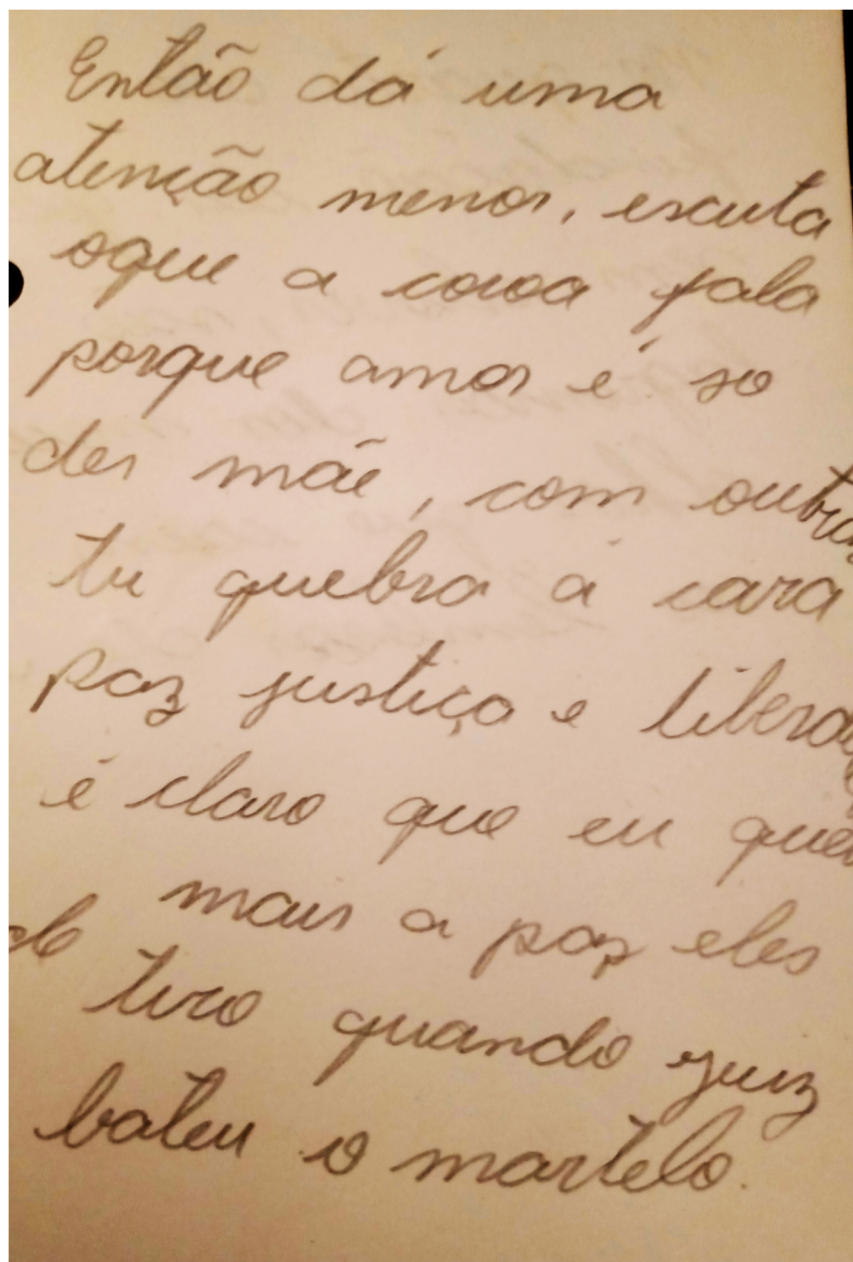
Ser “menor” parte da ideia de não ter: não ter a maioridade, não ter características atribuídas ao modelo de criança e adolescente e não ter dignidade. O “menor” está marcado por lugares sociais específicos: o da pobreza e o da negritude. No senso comum, a palavra “menor” é evocada quando se associa à criança ou ao adolescente uma suposta tendência natural à desordem.[...] O “menor” é concebido como uma ameaça à ordem social, um inimigo, um alvo a ser contido ou abatido (KLAUTAU, 2019, p. 77, p. 78).

Por mais que a palavra “menor” não tenha sido utilizada naquele contexto, partindo do que Marina Klautau diz, podemos associar essa visão ao *menino mais alto* dentro da perspectiva das instituições envolvidas. De onde venho e em muitas outras periferias, é comum se referir como *menó* às pessoas jovens ou da sua idade como uma ressignificação e apropriação desse termo, além de demarcação de território, por intrinsecamente sabermos que a maior parte das pessoas fora da periferia não falam assim. Uma forma de se reconhecer, mesmo longe de casa.

Outro significado que se complementa é o entendimento que esse *menó* pode ser, também, uma pessoa com quem temos uma certa responsabilidade como pessoas mais velhas. Conviver em um lugar onde todos se conhecem gera também um cuidado coletivo com os *menó*, seja vendo de longe se estão bem ou dando um conselho. Como diria meu amigo-irmão Guilherme Basilio: existe um lado educacional. Lado esse que, nesse dia, não pude me aproximar.

Convido P., um menino que estava na Fundação Casa quando tive a honra de o conhecer, para explicar em poesia o que estou dizendo aqui. Quando digo que construí e aprendi muito junto a eles e elas, não era brincadeira.

Figura 1 — Escrito dele, uma lição do *menó*.



Então dá uma
atenção menor, escuta
oque a coroa fala
porque amor é só
de mãe, com outras
tu quebra a cara
paz justiça e liberdade
é claro que eu quero
mais a paz eles
tiro quando juiz
bateu o martelo.

Na imagem, nas caligrafia de P: Então dá uma atenção menor, escuta oque a coroa fala porque amor é só de mãe, com outras tu quebra a cara paz justiça e liberdade é claro que eu quero mais a paz eles tiro quando juiz bateu o martelo.

No contexto da história que conto, podemos dizer que esse “menor” está marcado pela política da alteridade, pois existe um distanciamento entre quem fala e quem está sendo referido dessa forma. Suzane Jardim nos conta:

A história da humanidade é a história da luta de classes, mas também a história da política de alteridade - o *outro* como elemento mobilizador de ações, decisões, instituições, limites e extermínio.[...] uma política de morte baseada no outro que para funcionar precisa de mais do que apontar a diferença entre *outro* X *normal*: é necessário criar o outro enquanto inimigo e ameaça a ser combatida, neutralizada e/ou exterminada (JARDIM, 2019, p. 85).

Desde o começo, por estar em uma situação de privação de liberdade, a leitura de sua individualidade estava suspensa dentro da visão de “menor”, a qual tomava conta dos olhares externos. Qualquer pessoa que passasse já não o via como o menino mais alto entre dois outros e sim como um interno da Fundação Casa. Aquele *outro*, um “menor”.

Porém, a junção dessa conceitualização com a política da alteridade nos faz aprofundar mais um passo, flertando com a visão de inimigo social quando seu salto pelo muro baixo passou a se sobressair ainda mais a qualquer subjetividade de quem ele era. Repito: não era mais um menino, era um criminoso, um fugitivo.

A construção do inimigo social, aquele outro que precisa morrer ou ser domesticado para que ‘a paz’ e ‘a vida social’ seja garantida, depende de um processo de inferiorização e planificação do sujeito que permita que nele não se veja qualquer complexidade para além da dicotomia *bem* X *mal* - desse modo qualquer ação feita para o controle será popularmente celebrada porque será lida como ação pela segurança e bem da sociedade, sua moral e costumes (JARDIM, 2019, p. 85).

Seria muito bonito dizer que o *menino mais alto* acessou aquele instituto cultural e que, ao menos lá dentro, ele seria tratado como um estudante qualquer que visitava mais uma exposição. Porém, entender os contextos para além do recorte dentro dessa instituição se mostrou extremamente importante para combater o lugar de “menor” e de inimigo que o colocaram. No dia, eu não sabia disso ainda.

Aqui entre nós, que olhamos um tanto para esse contexto e refletimos a partir do que escrevo sobre essa situação, talvez beira o óbvio olhar para o *menino mais alto* e seus colegas como sujeitos. Porém, para nos aprofundarmos ainda mais nessa vivência, devo abrir um pouco mais sobre meus receios da época, quando eu não sabia muito sobre mim.

Revisitar essa experiência tem sido um processo que faço desde o encerramento dela. Naquela época, haviam muitas coisas que acreditava serem necessárias deixar sob as cobertas todas as manhãs. Itaquera e minhas vivências por lá, principalmente. Aprendi cedo que, se queria seguir na área de artista e educadora, vir da periferia da cidade não era boa coisa. Levantava da cama, ia ao trabalho, emendava com a faculdade, começava tudo de novo no dia seguinte. O fim de semana de folga servia para atravessar a cidade e assistir uma peça, emendar no bar. Enquanto todos esses movimentos aconteciam, minha casa em Itaquera permanecia no mesmo lugar, tudo que aprendi lá me esperava na cama. Quando me dei conta disso, não sei com quantas pessoas de realidades semelhantes conversei até perceber que realizávamos a mesma rotina matinal.

Na minha mente da época, acreditava que precisava me enquadrar nos moldes das pessoas do centro da cidade. A vestimenta, o vocabulário, o jeito de se portar. Aquilo sim era ascensão social, vida boa. Afinal, o nome já dizia: eles estavam no centro, eu na periferia. De tanto correr atrás disso me tornei quadrada e esqueci que o *menino mais alto* era muito mais próximo de mim e do que eu conhecia do que aquelas instituições. Hoje acho uma graça sem graça perceber que eu tratei o *menino mais alto* e seus dois colegas como outro porque me enxergava da mesma forma.

Eu, que já havia sido uma *menó* para outras pessoas, enxergava o menino mais alto como um “menor” e repeti diversas violências que passei. Tinha receios desta visita desde que me falaram que eu não poderia pegar uma *daquelas* sozinha. A visão que temos de pessoas em situação de cárcere é semelhante a visão que temos sobre o demônio (informação verbal)¹⁷. Vi a todos os três meninos como tal por, inconscientemente, estar tão distante de mim quando me fiz estar deles.

Minha falha tentativa em aliená-los da própria realidade, quando tentei fugir da minha própria proposta de explorar o corpo de quando estamos esperando o ônibus, esbarra no que já conversamos sobre a política de alteridade. Achava erroneamente que estava distante deles, mas na prática, éramos o mesmo. Jovens periféricos e, no mínimo, não brancos. Mas se eu poderia estar no lugar deles, o inverso também é verdade.

¹⁷ Informação/reflexão oferecida por Suzane Jardim durante um dos encontros da oficina realizada pelo Grupo do Trecho “Ponto Cego ou o Mapa da Prisão” entre 03 de maio e 21 de junho de 2021.

Como pessoa de sorte, pela generosidade que me foi oferecida pelos *menó*, pude aprender muitas coisas e revisitar muitas certezas minhas antigas para discordar de mim. Não sei, até hoje, o que aconteceu com o *menino mais alto*. Agradeço os ensinamentos que ele me ofereceu naquela manhã, espero pelo seu bem. Demorei meses para entender o porquê dessa experiência ter mexido tanto comigo, demorei anos para conseguir escrever sobre, demoraria uma vida caso quisesse esquecer.

Pausa para elaborar

Porque o silêncio da folha em branco é necessário.

- **Depois, chorou.**

Depois do caso do *menino mais alto*, fiquei um certo tempo sem ter contato com visitas com meninos ou meninas internos e internas na Fundação Casa. Demorou um certo tempo para entender onde aquela história havia me atravessado e ainda pensava nele o tempo todo. Ainda penso, pra ser sincera.

Estava a um tempo querendo retornar, por entender, em um lugar menos racional do que a reflexão acima, que existia um lugar em mim que pulsava essa responsabilidade.

G., uma colega estagiária que trabalhava lá a mais tempo que eu e que havia acompanhado o meu processo, teve uma notória sensibilidade. Me convidou para realizar uma visita com ela em uma exposição sobre um crítico literário que possuía, também, uma pesquisa com música. Geralmente, em outras visitas, seguir pela veia musical era uma boa estratégia.

Quando sentamos para planejar essa visita, um dia antes dela acontecer, G. comentou que gostaria de ir para o lado da música, trazendo Racionais MCs. Imprimimos diversas letras de músicas deles, entre elas: *Diário de Um Detento*, *Da Ponte Pra Cá*, *Nego Drama* e *Jesus Chorou*. Levamos no bolso também algumas outras letras e delas eu nem me lembro.

Voltamos ao cenário inicial: novamente uma manhã, novamente eu acompanhando uma visita, novamente um receio. Mas dessa vez eu sabia que não poderia e nem queria aliená-los da própria realidade. Lidaria com ela, de frente, igual a eles.

Descemos para esperar a van e no meu bolso haviam letras dobradas de músicas que eu conheci em um lugar muito distante da Av. Paulista. Eles chegaram, dessa vez eram cinco meninos, dois agentes e um educador. Essa foi a única vez, em todas, que não me apresentaram como “*senhora Tayná*” e achei isso curioso. Subimos e G. realizou a visita, eu acompanhei, dessa vez menos quieta e mais observadora. Sentamos no centro da exposição, eles em cadeiras, G. e eu no chão, os agentes em pé.

Começamos uma conversa sobre literatura e poesia, que durou menos de 2 minutos quando percebemos que nenhum deles falava. Pouco interessava uma conversa entre G., o educador e eu. Deve ser por isso que G. lançou a bola para eles dizendo: “música também é poesia”. Vi alguns deles rirem, alguns duvidarem. O educador concordou animado, os agentes viraram o rosto e eu nunca soube o real porquê.

Entendi a bola lançada de G. como se estivéssemos em um jogo de vôlei, imagino hoje que essa parceria que se entende no olhar só é possível através de um alinhamento de ideias. Tirei as letras amassadas do bolso, distribuí aleatoriamente, fiquei com Capítulo 4, Versículo 3 em mãos. Propus deles lerem, mas não aconteceu, por isso me coloquei em risco, mesmo sabendo que eu não daria cabo de ler as entrelinhas do que estava escrito. Comecei a ler a letra como quem lê uma poesia, por não saber bem como deveria fazer. Lembro de me impactar, novamente na minha vida, quando li:

*A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras
Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são
negros
A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São
Paulo
Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente*

Não segui para além da introdução quando notei que eles se animaram pequenininho. O riso contido podia ser comigo ou de mim, não me interessava muito. Propus novamente de algum deles ler uma das letras. Um dos meninos, que estava na minha diagonal direita, se remexeu. Olhei pra ele procurando incentivar sem forçar, ele ajeitou a folha na frente dos olhos. Vi ele se remexer novamente e os olhos correndo pelo título da música. Eu não sabia mais qual era.

Começou baixo aquilo que, por um segundo, eu achei que fosse uma leitura comum. Mas quando prestei mais atenção, na realidade ele estava cantando. Um canto tímido em sussurro não deixa de ser um

canto. Talvez por gostar da música, talvez por simplesmente conhecer, talvez por coisas que eu nunca saberei, ele cantou.

*O que é, o que é?
Clara e salgada,
Cabe em um olho e pesa uma tonelada*

Olhei para G. em uma cumplicidade que não saberei colocar em palavras. Quando olhei para ele novamente, percebi que ele já não cantava sozinho, mas os outros meninos cantavam junto com ele. Não sabia nada além do nome dos *meninos cantores* até ali. Eles não precisavam de letra nenhuma e nesse momento eu descobri muitas coisas.

*Na calada ela vem,
Refém da vingança,
Irmã do desespero,
Rival da esperança*

Av. Paulista, São Paulo capital, 11h da manhã, em uma instituição privada haviam cinco meninos fazendo história na minha vida de educadora-mediadora. Arrepiei do começo ao fim e pensei “eles estão me ensinando muito mais do que eu poderia oferecer aqui dentro”. A letra de *Jesus Chorou* não cabe na boca de qualquer pessoa.

*E eu que me julguei forte,
E eu que me senti,
Serei um fraco quando outras delas vir
Se o barato é louco e o processo é lento,
No momento,
Deixa eu caminhar contra o vento¹⁸*

¹⁸ Trechos da música *Jesus Chorou*, do Racionais Mcs. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/64919/>

Sorri e esperei calmamente eles terminarem, afinal, ninguém interrompe um show na metade. Finalizaram dizendo que aquilo era, com certeza, poesia. Finalizei tendo certeza disso.

- Correndo sobre riscos, eu vim de onde tu vem

Trago essa história para dizer que o *menino mais alto* me ensinou muito e a trago com todos os afetos que a envolvem. Me sinto criança quando a revivo na minha memória e me pergunto se eles, onde estiverem, lembram desse dia tanto quanto eu o trago à mente.

Não tinha certeza se queria trabalhar com arte educação até esse momento. Ouvia muitas pessoas na faculdade falando sobre, extensas discussões sobre a importância da roda, da escuta, entre outras coisas. Ficava difícil vislumbrar sem prática. Já havia trabalhado com isso em diversos momentos, diversos contextos, inclusive outros públicos dentro da mesma instituição cultural, mas quando os meninos começaram a cantar, percebi coisas que não saberei descrever. O que posso te contar sem delongas é que aqueles meninos me fizeram (e ainda fazem) ter vontade de continuar trabalhando com educação.

Todas as vezes que eu tento contar essa história me cai a ficha de que não há palavras que saibam contar essa experiência ou o tanto que ela mexe comigo. Não existe vocabulário o bastante que consiga dar conta e me limito a pegar emprestada a fala de bell hooks, quando conta sobre seu encontro com Paulo Freire e acrescento que essa fala me contempla em todas as histórias escritas dessa monografia.

Somente que as palavras parecem não ser boas o suficiente para evocar tudo o que aprendi com Paulo. Nosso encontro teve aquela qualidade de doçura que continua, que perdura por toda a vida; mesmo que você nunca mais fale com a pessoa, nunca mais lhe veja o rosto, sempre pode voltar, em seu coração, àquele momento em que vocês estiveram juntos e ser renovada - é uma solidariedade profunda (hooks, 2013, p. 82).

Me parece romântico demais contar apenas as minhas impressões e isso me incomoda. Não se engane, ver em poucos segundos o nascimento de um espaço colaborativo onde eles se sentiram à vontade para criar, para se apropriarem da proposta e a transformarem foi lindo e potente. Porém, foram duas horas de encontro para, depois, aqueles adolescentes retornarem para a Fundação Casa.

Não tem espaço para romantizar essa história quando a realidade é uma pedra no sapato, não se precisa ir muito longe em pesquisas para saber como é o dia a dia de quem está interno ou interna na Fundação Casa. Não posso afirmar nada sobre a realidade deles, mas a letra que Mano Brown escreve para Jesus Chorou não é caminhar entre flores, mas sim se deparar com espinhos. O coro dos *meninos cantores* me parece um tanto mais triste quando penso nisso.

Infelizmente, nada poderia fazer sobre o retorno deles à instituição. A realidade estava dada: eles estavam em privação de liberdade, eu estava como educadora-mediadora realizando uma visita ao lado de G. e tínhamos pouco menos de duas horas de encontro. Não me cabe a boca o que os levou até aquela situação de privação de liberdade e de toda forma nunca nos aprofundamos nessa parte porque eles sempre foram mais do que isso. Sei do que vivi junto a eles e o que compartilhamos nas nossas poucas horas de encontro.

As vivências deles anteriores ao nosso encontro, porém, não eram vazias de importância. O mundo que eles conheciam e vivenciavam estava presente em cada ação e só entendendo isso que poderíamos compartilhar os saberes em uma exposição sobre literatura e poesia de um crítico literário qualquer¹⁹.

Entendi a importância sobre o contexto deles (e o meu também) após a primeira experiência que relato neste capítulo. Não queria mais tratar como tabu uma realidade tão próxima da minha e dos meus, não queria tentar aliená-los da própria realidade, porque isso não era algo com a qual eu deveria lutar. Entender qual era a visão de mundo deles e o que haviam aprendido vivenciando o mundo me parecia mais importante que qualquer outra temática. Não sabia bem como fazer isso, mas o que eu sabia mesmo sem pegar em livros é que Paulo Freire falava sobre isso muito antes da minha descoberta individual:

O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitamente ou sugerido ou escondido no que chamo *leitura do mundo*, que precede sempre a *leitura da palavra* (FREIRE, 2011, p. 79).

¹⁹ Digo qualquer porque a partir dessa história, descobri que toda e qualquer coisa poderia ser uma boa desculpa para compartilharmos saberes entre nós e descobrirmos novos. Você pode descobrir mais sobre isso no Capítulo W: O que palhaçaria tem a ver com isso?

O que Paulo Freire diz para si com grupos populares, na minha vivência, se estende em toda e qualquer relação político-pedagógica que eu trace. Aprendi isso com o *menino mais alto* e seus dois colegas em um dia, reaprendi com os *meninos cantores* em outro, segui aprendendo isso de novo e de novo ao longo das histórias que vivi.

Com tudo isso em mente e em uma sincronia de ideias, G. sugeriu que usássemos letras dos Racionais Mc's. Ela, que possuía mais experiência que eu com meninos e meninas que estavam na Fundação Casa, disse que tinha certeza que daria certo. Reflito hoje que associar rap e situação de cárcere é uma afirmação perigosa, pois parte do pré conceito de que essas duas coisas tem relação direta, o que não podemos dizer com essa certeza. Na época, porém, sem pensar muito, acreditei ser uma ideia certa (e por sorte, foi). A escolha das músicas que fiz foi a partir do que eu já escutava e de algumas mais populares, foi assim que Jesus Chorou chegou nas mãos do primeiro *menino cantor*.

Seria raso dizer que a letra fala apenas sobre tristeza e angústia, afinal, sendo escrita por Mano Brown e fortalecida pelo Racionais Mc's, posso afirmar que o grupo sustenta outras camadas de narrativas.

O Racionais Mc's é um grupo brasileiro de RAP que surgiu no final dos anos 80 com um discurso que tinha a preocupação de denunciar o racismo e o sistema capitalista opressor que patrocinava a miséria que estava automaticamente ligada com a violência e o crime.²⁰

Como o próprio grupo diz, o caráter de denúncia está desde o início de sua trajetória. Por esses motivos, repito: a letra de Jesus Chorou não cabe na boca de qualquer pessoa. Não vou me propor a analisar profundamente a letra, mas te chamo a ouvi-la como trilha sonora para essa história.

Queria que aquele espaço tivesse menos a minha voz, menos a voz de G, menos a voz do educador que os acompanhava. Não fazia sentido qualquer um de nós três sermos protagonistas daquela visita. Era muito mais sobre eles ou ao menos era o que eu queria que fosse. Mas como incentivar alguém a ocupar um espaço para além da sua presença física? Era a pergunta que tentava responder. Na época, achei a resposta daquela forma em um jogo invisível: se eu ler, vocês leem? Sabendo que poderia me frustrar.

²⁰ Trecho retirado da biografia oficial do grupo, disponível em: <https://www.racionaisoficial.com.br/>

Digo que me coloquei em risco nesse momento por já saber que a letra de Jesus Chorou não cabia na minha boca. Me faltavam vivências para tal. Mas imaginava que aquele espaço era, possivelmente, um dos poucos que os meninos poderiam se apropriar, dado o local onde estavam passando seu dia a dia. Lembro de bell hooks (2013, p. 35) quando ela diz que “é produtivo, muitas vezes, que os professores sejam os primeiros a correr o risco”. Essa frase, que na época eu ainda não tinha tido acesso, de alguma forma já ecoava na minha mente. Imagino que certas coisas aprendemos na prática ao invés dos livros.

Só consigo pensar que foi uma surpresa deliciosa quando eles se sentiram incentivados e compraram meu jogo, mesmo sem saber. Com os *meninos cantores* aprendi a me colocar em risco e, na prática, descobri que partir da realidade deles (e da minha também, por vezes tão próxima) era a melhor forma de alcançar quem realmente importava nas visitas: eles e elas. O canto foi lindo, mesmo que doloroso diante da situação. Agradeço aos *menó*, de longe e em escrita, por tamanha generosidade.

Muito mais poderia dizer sobre essa história, mas há coisas nela que se desdobraram na minha postura de educadora-mediadora-palhaça ao longo do tempo e perderiam a graça se eu as contasse logo aqui, de cara. Não se apegue ao que você não descobrir nesses textos porque não pretendo analisar profundamente cada história em seus mínimos detalhes. Como comecei dizendo, palavras não dão cabo de relatar essas vivências.

Capítulo &: A inutilidade de quem somos

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras

fatigadas de informar.

Dou mais respeito

às que vivem de barriga no chão

tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas

Dou respeito às coisas desimportantes

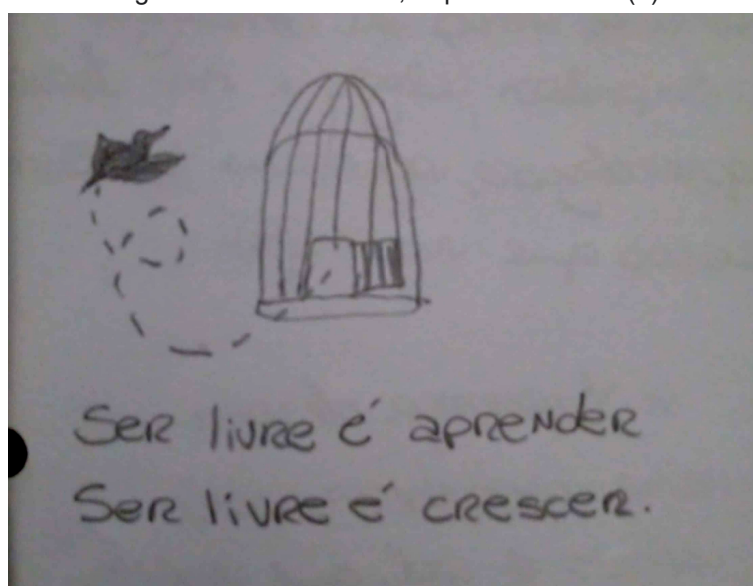
e aos seres desimportantes.

Manoel de Barros

Não sei se você que está lendo começou por aqui ou se está terminando por aqui, mas aviso de antemão que esse capítulo não tem função alguma. Ele não é útil e as histórias que estão aqui, tampouco. Se está à procura de referências ou uma escrita que se conclua, sugiro que suba para o capítulo Y ou Z. Esse capítulo não se conclui, não continua, ele não serve à nada.

Porém, se sua busca é descobrir os estágios restantes (não finais) da experiência que relato aqui ou até mesmo iniciar sua leitura por onde não serve, fico feliz em te receber. Essa é uma grande inutilidade compartilhada.

Figura 2 — Escrito dela, o que é liberdade (?)



- Aprendendo a esconder o ouro

Estávamos no hall dos elevadores, após passear pelas palavras de Manoel de Barros. Éramos em muitos dessa vez, 7 meninos, um educador e dois agentes. Conversávamos sobre qualquer coisa enquanto tecíamos escrituras, cada um no seu caderno. As mesas formavam um semi-círculo com pontas de um quadrado e por estarmos em muitos, eu estava meio em pé, apoiada em algumas bagunças.

Fui para a mesa do meio, conversar com um garoto que havia me chamado, quando um dos agentes colocou uma música alta no seu celular. Não entendi a interferência, mesmo não sendo diretamente contra a música. Olhei para todos os meninos para tentar entender, até voltar o olhar para o agente de novo.

É importante dizer que, naquela altura, eu já tinha certa experiência. Os agentes, em sua grande maioria, não eram colaborativos com as visitas. Costumavam ficar nos cantos, mal encarados, dificilmente se sentavam e mexiam no celular o tempo todo. Particularmente, eu me incomodava com os agentes ali, principalmente por saber qual era o papel deles naquele contexto.

Quando olhei para o agente, ele tirou a música. Mas quando voltei minha atenção para o garoto à minha frente, ele colocou de novo. “Esse cara tá me tirando”, foi o que eu pensei. Olhei feio para o homem que devia ter o dobro da minha altura, retornei minha atenção. Aconteceu de novo.

“Posso perguntar o porquê da música?” perguntei. Era importante manter a fala profissional com eles, de toda forma. “Essa música é dele ali, ó” foi o que ele me respondeu. O menino que o agente apontou com o queixo estava à minha direita, foi o que menos falou durante todo o tempo que estávamos juntos. Na hora, pensei que aquela poderia ser uma abertura para trocar ideia com ele.

“É tua a música *L.*?” perguntei.

“É sim senh.... Tay.” respondeu com essa correção que escrevo.

“Por que tu não disse antes que fazia música?”

“...” esse silêncio foi preenchido por expressões faciais muito rápidas, que não soube decifrar

“Tá escondendo ouro de nós?” foi o que perguntei, em uma tentativa de o incentivar.

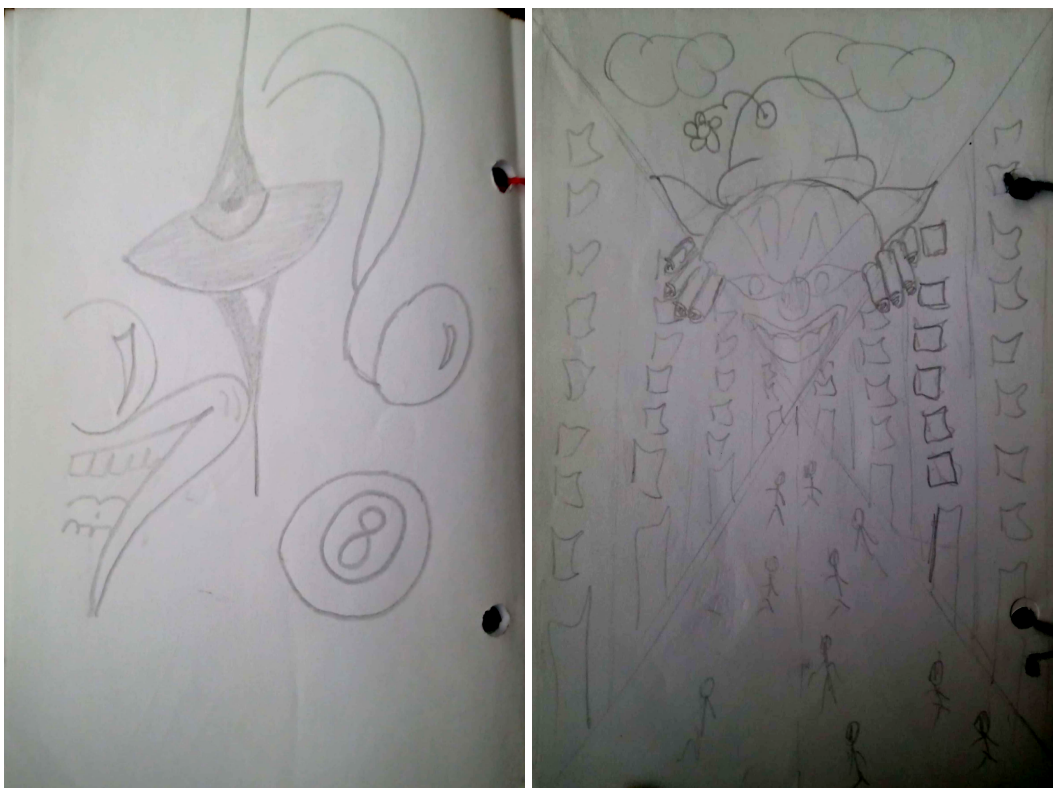
“E desde quando ouro se deixa a vista pra qualquer um pegar, Tay?” ele disse com cara de quem tava me tirando. E tava mesmo, tirando uma com a minha cara e me ensinando bonito.

“Beleza, beleza... Entendi o recado” ri sem graça. “Tu quer que ele mostre tua música?”

“Quero não”

Pedi para o agente não colocar a música e olhei para L. novamente. Ele fez uma expressão de tiração, seguida de uma de parceria. Dei risada, o muleque tava ali só pra me ensinar um bagulho e sair fora mesmo.

Figura 3 — Escrito dela, aqui pode sim.; Figura 4 — Quem é o verdadeiro inimigo?



- A proposta que nunca aconteceu

Depois de passar pelas experiências relatadas no Capítulo Z e de muitas outras, veio o trabalho na exposição de Manoel de Barros. Precisei passar por muita coisa até chegar nos relatos que eles e elas me ofereceram. Existiram muitos outros escritos, mas os que ficaram comigo, foram presentes que guardo com carinho.

Um dos desdobramentos mais palpáveis na minha postura de educadora-mediadora-palhaça depois de tanto tempo foi aceitar que o que acontecia ali estava além do alcance das minhas mãos. Estar aberta ao que acontecia, conseguir trocar de volta e “só”.

Isso aconteceu diariamente quando elaborei a seguinte proposta: após conhecermos a exposição do Manoel de Barros, sua vida e obra, faríamos nós o nosso próprio caderno de inutilidades, tal qual ele fazia. Contava para os meninos ou

meninas que dos cadernos de Manoel saíram muitos poemas que lemos na exposição, e só. Deixava preparado de antemão folhas perfuradas e linhas para depois juntarmos e transformar em um caderno.

Pedia para eles e elas, tal qual Manoel de Barros fazia, preenchessem o caderno da forma que mais lhe coubesse, que mais gostasse, a inutilidade que os preenchesse. Essa era a minha proposta que sempre jurei que não tinha acontecido. Não conseguia olhar para nenhum caderno e entender aquilo como inútil, mas olhando pela fresta da janela, entendi o que Ailton Krenak (2020) diz no título de seu livro: “a vida não é útil”.

O caminho pelo qual chegamos aos escritos e a essa proposta que fiz, foi mais uma grata surpresa que tive. A troca e a descoberta conjunta se desdobra até o presente momento, mais de dois anos depois, na minha postura de educadora-mediadora-palhaça. Minha presença acabava em uma hora e meia, mas o que fizemos em conjunto, podia florescer para além dali. Digo isso com certeza, porque floresceu em mim.

Peço licença para compartilhar essas inutilidades que não são minhas, mas foram compartilhadas comigo. Me sinto profundamente inútil em conjunto, porque apenas somos e isso basta.

- Convite à eles e elas

Figura 5 — Escrito deles (menino e agente), KM 40.



Não tenho muito mais o que dizer aqui. Ao escrever esse trabalho e revisitar esses escritos tantas e tantas vezes, penso que meu papel se encerrou no momento em que eles e elas tinham lápis e papel na mão.

Uma vez me disseram: “não é só de fome que se mata alguém”. Fico pensando nisso constantemente. “O que fez eles e elas reverterem essa proposta dessa maneira?” me pego pensando. Talvez a vida clamasse tão alto a ponto de qualquer proposta se transformar em diário. Esse foi o jeito que nos alimentamos mutuamente, eu com uma proposta incompleta, eles e elas me oferecendo um pedacinho de si.

Por isso, fingindo que estamos em uma mesa de bar onde eu estou só mostrando algo legal ou fingindo que eles e elas estão aqui para contar por si as inutilidades que querem abrir, fique a vontade para ler, reler, interferir. Os avisos que foram dados no começo de tudo, continuam: aqui estão os escritos de quem construiu uma trilha comigo e caminhou ao meu lado. Sujeitos dessas reflexões, à eles e elas peço licença para compartilhar nossa forma de adiar o fim do mundo: nossas histórias (KRENAK, 2019, p 13).

Figura 6 — Escrito dele, não ousei colocar título

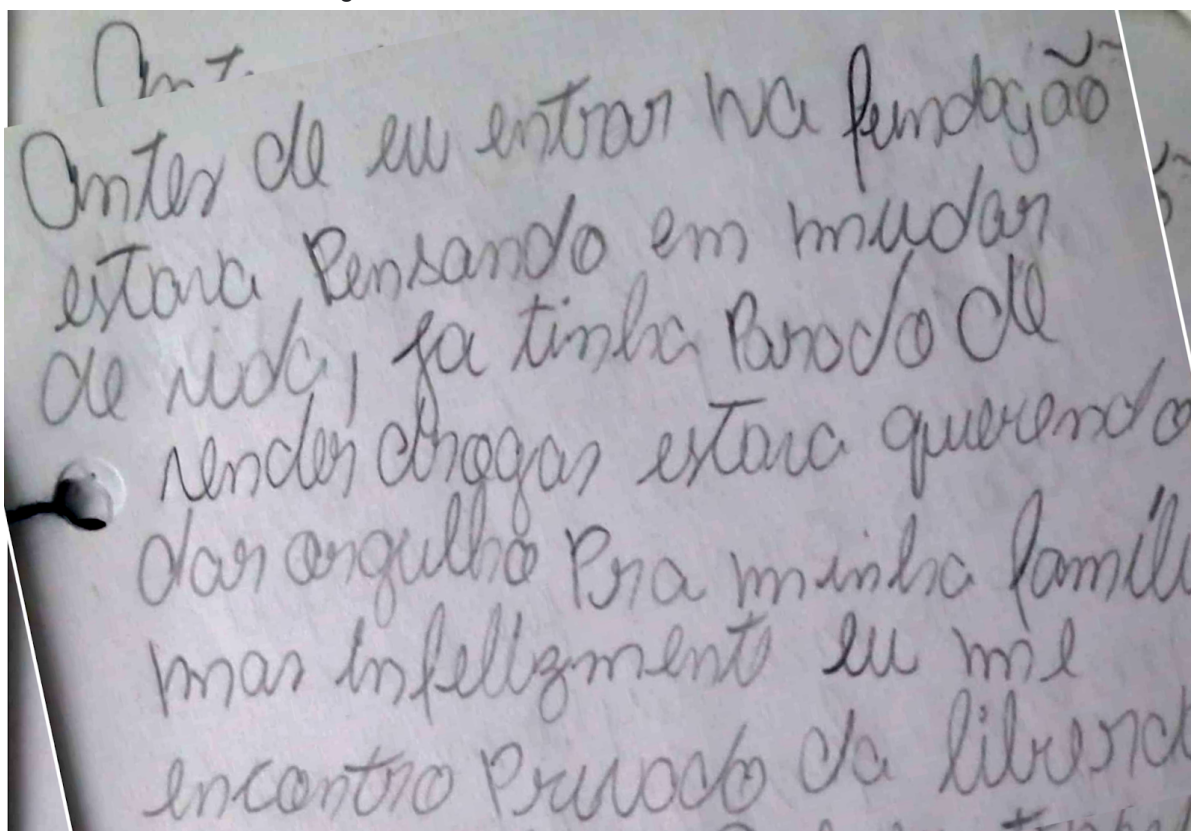


Figura 7 — Escrito dele, uma história pt1.

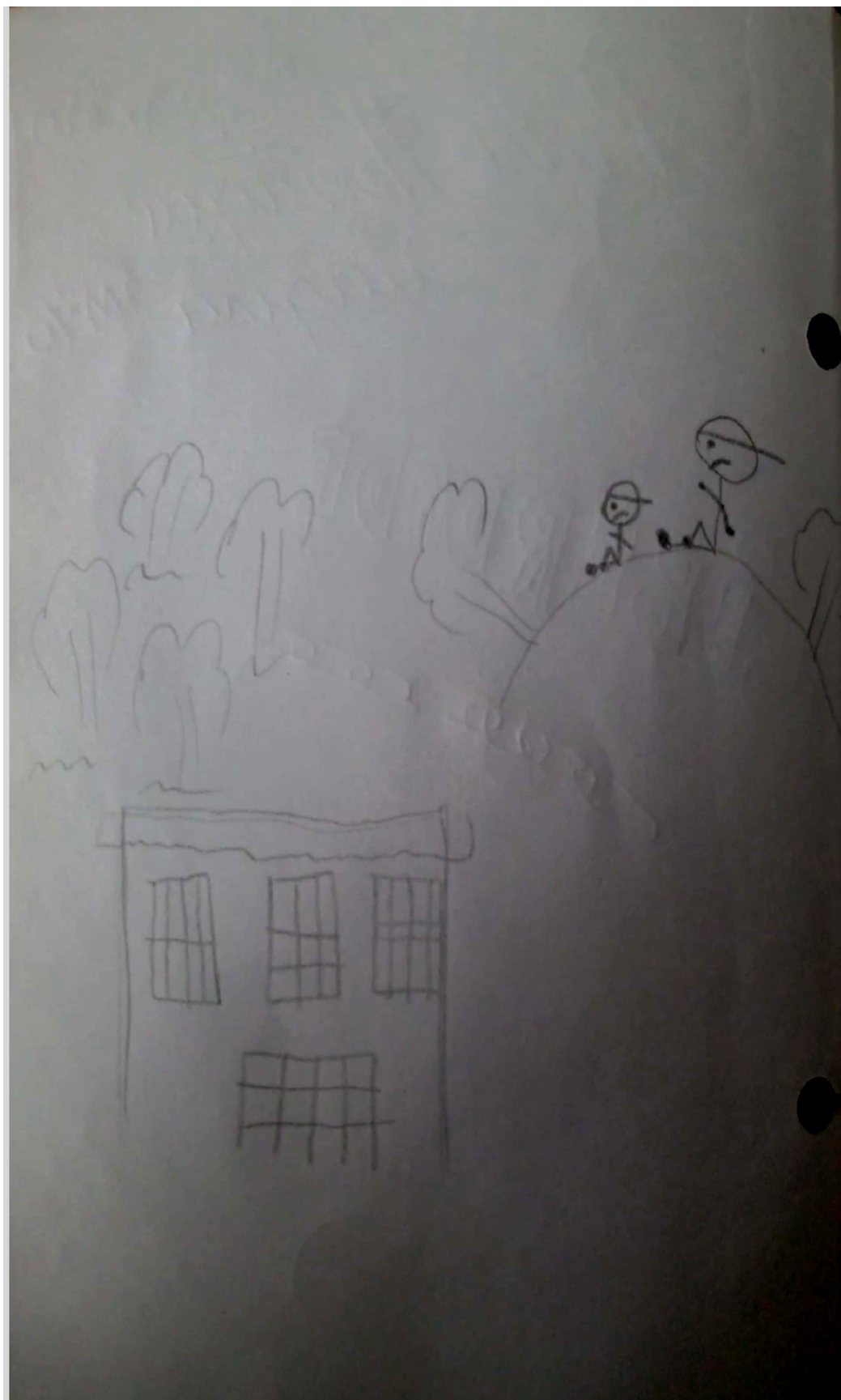


Figura 8 — Escrito dele, uma história pt2.

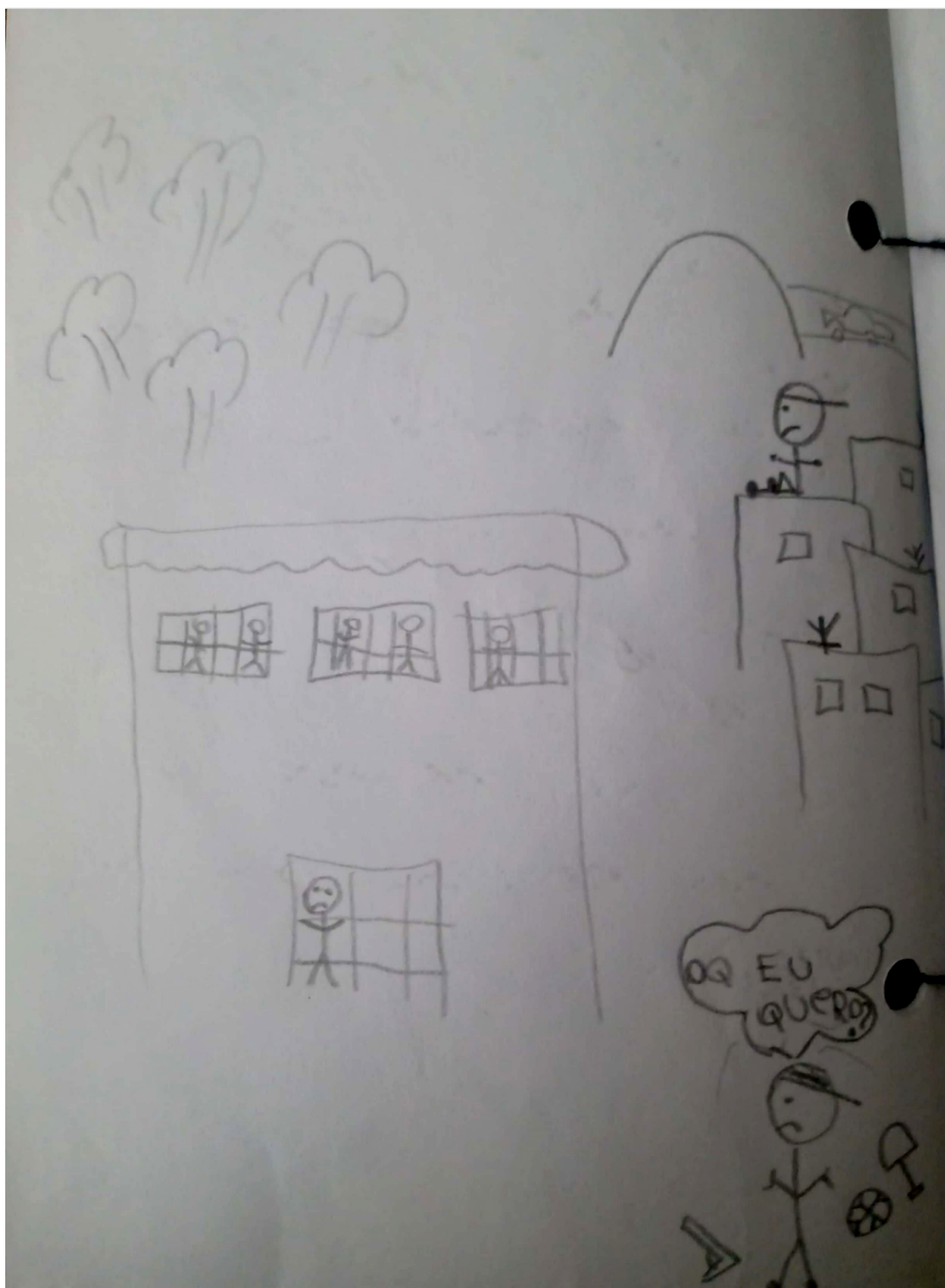


Figura 9 — Escrito dela, fundoca.

É que eu pi der
muito trabalho pro
sistema, e aqui dentro
da fundoca eu vou
tirar minha cota.
Quando pro mundo
progresso vai ser meu
dilema, eu to firmando
de crime, de arma, de
droga.

Figura 10 — Escrito dele, uma lição do menó (continuação).

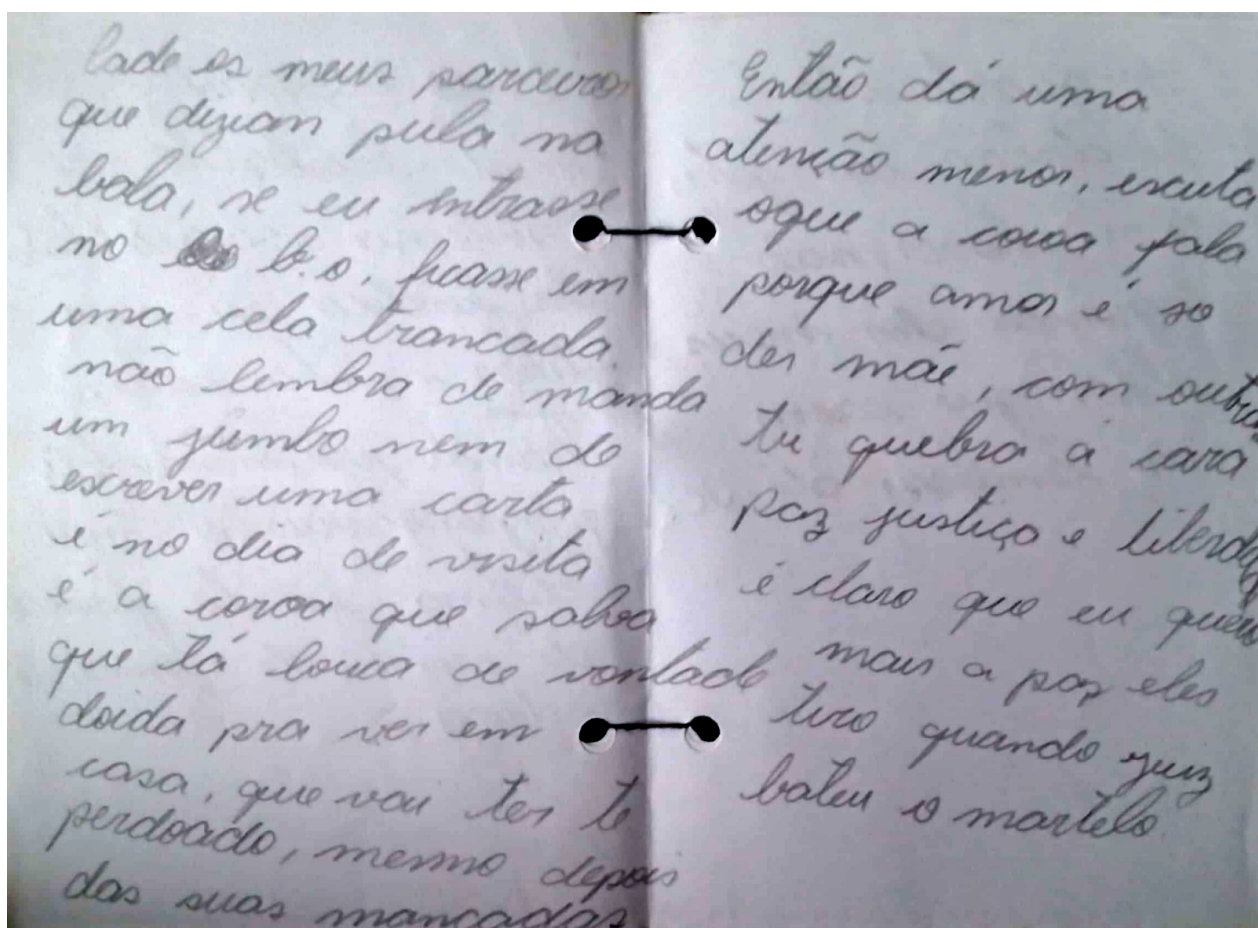


Figura 11 — Escrito dele, chuva v1.

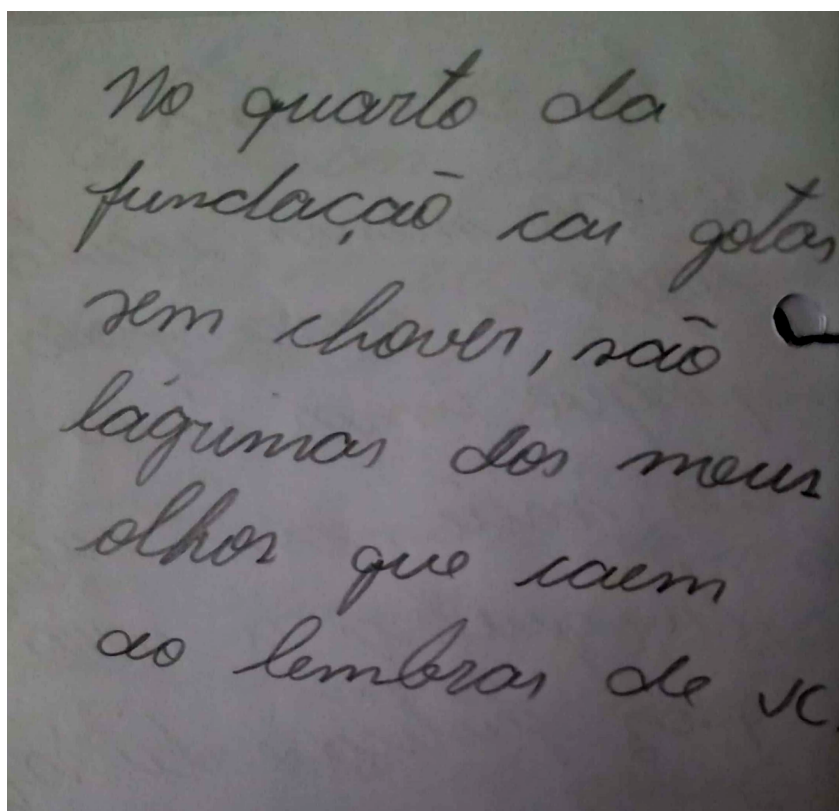
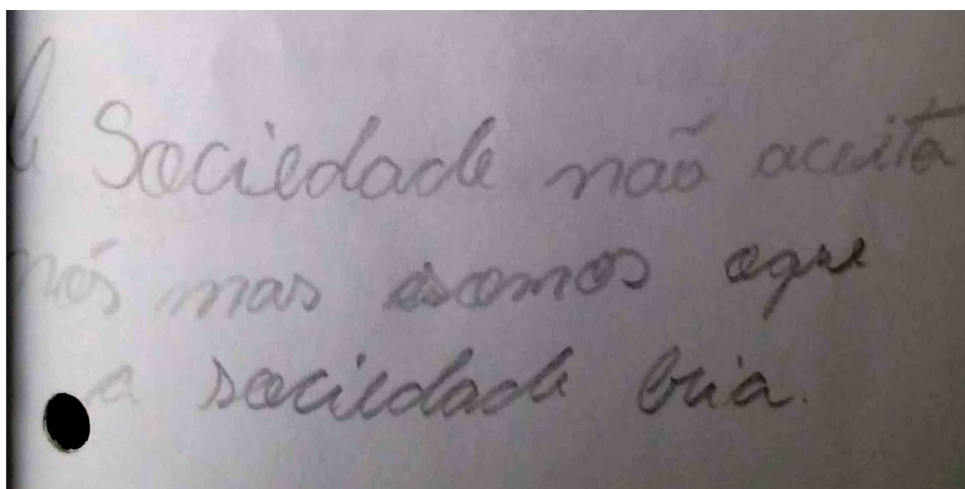
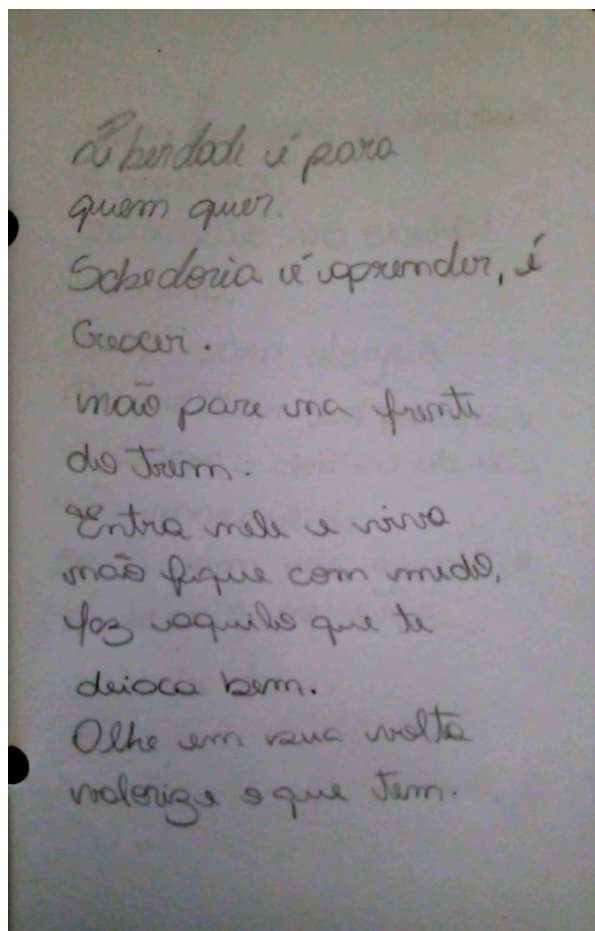


Figura 12 — Escrito dela, pokas.

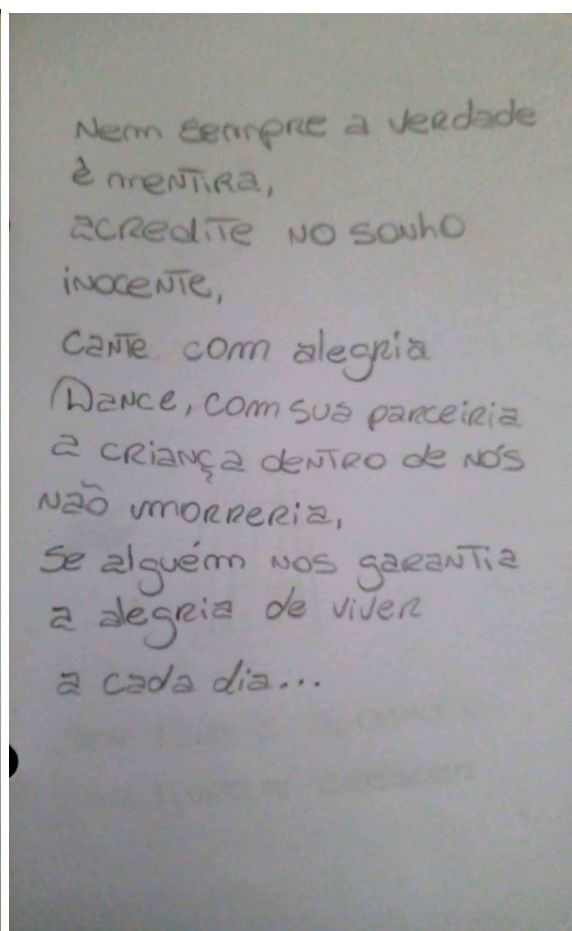


A Sociedade não aceita
nós mas somos esse
a sociedade buia.

Figura 13 — Escrito dela, um poema.; Figura 14 — Escrito dela, a segunda parte do poema.

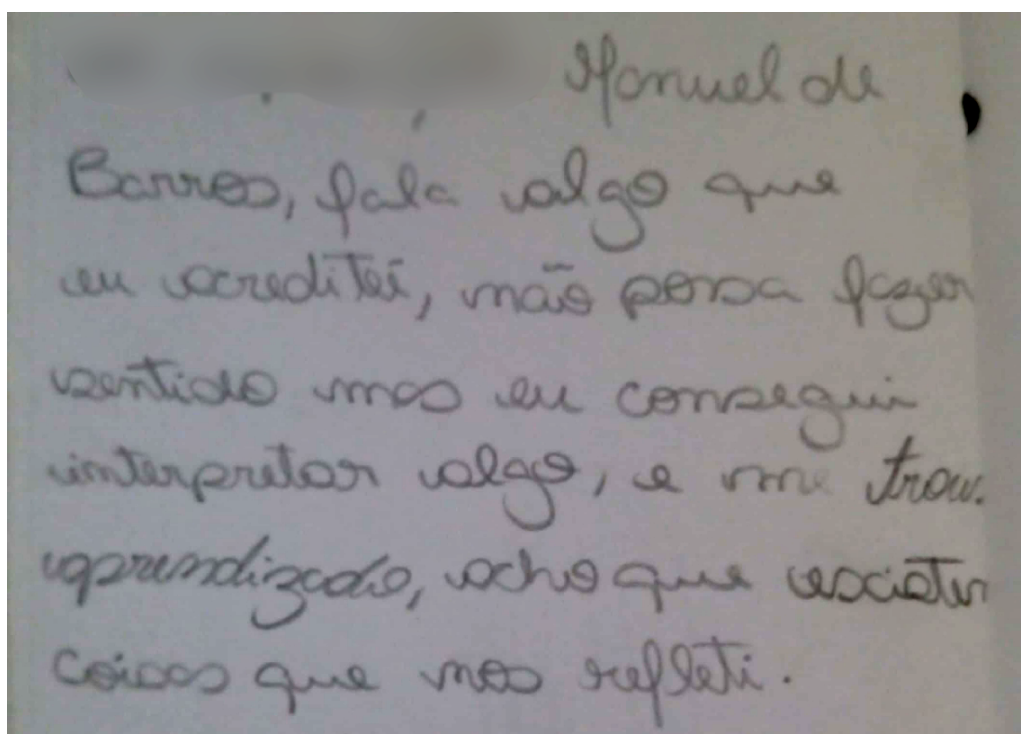


A bondade é para
quem quer.
Scherderia é aprender, é
Guecei.
mão para uma frente
do term.
Entre mel e viva
mão fique com mudo,
foz voquilo que te
deioa bem.
Olhe em sua volta
moleza e que term.



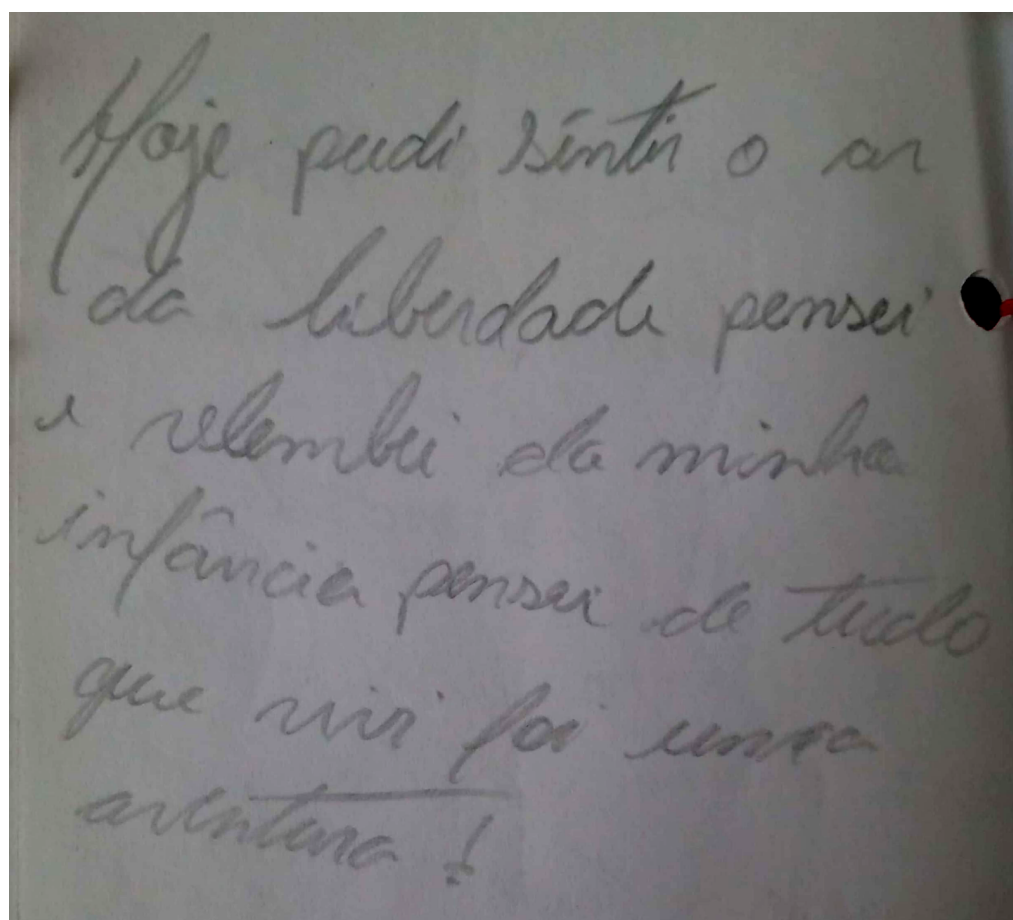
Nem sempre a verdade
é mentira,
acredite no sonho
inocente,
Cante com alegria
Dance, com sua parceira
a criança dentro de nós
não morreria,
Se alguém nos garantia
a alegria de viver
a cada dia...

Figura 15 — Escrito dela, salve S.!



Manuel de
Barros, fala algo que
eu acreditei, mas pensa fazer
sentido mas eu consegui
interpretar algo, e me trou-
xeram, acho que existem
coisas que me refletem.

Figura 16 — Escrito dela, ...



Hoje pude sentir o ar
de liberdade pensar
e lembrar da minha
infância pensar de tudo
que vivi foi uma
aventura!

Figura 17 — Escrito dela, poesia.

Escuro através dessa folha
 Para falar tudo que está
 aí.
 Meu sentimento é um
 lirio, mas tudo nele está
 escondido.
 Falo para eu mesma que
 posso ser mais que isso.

Figura 18 — Escrito dela, "nós mulheres".

Saudade hoje constantemente.
 Pela família que não
 está presente.
 Liberdade para nós mulheres
 que lutamos pelo ardo duro.
 mais por justiça



Figura 19 — Escrito dele educador pt1.; Figura 20 — Escrito dele educador pt2.

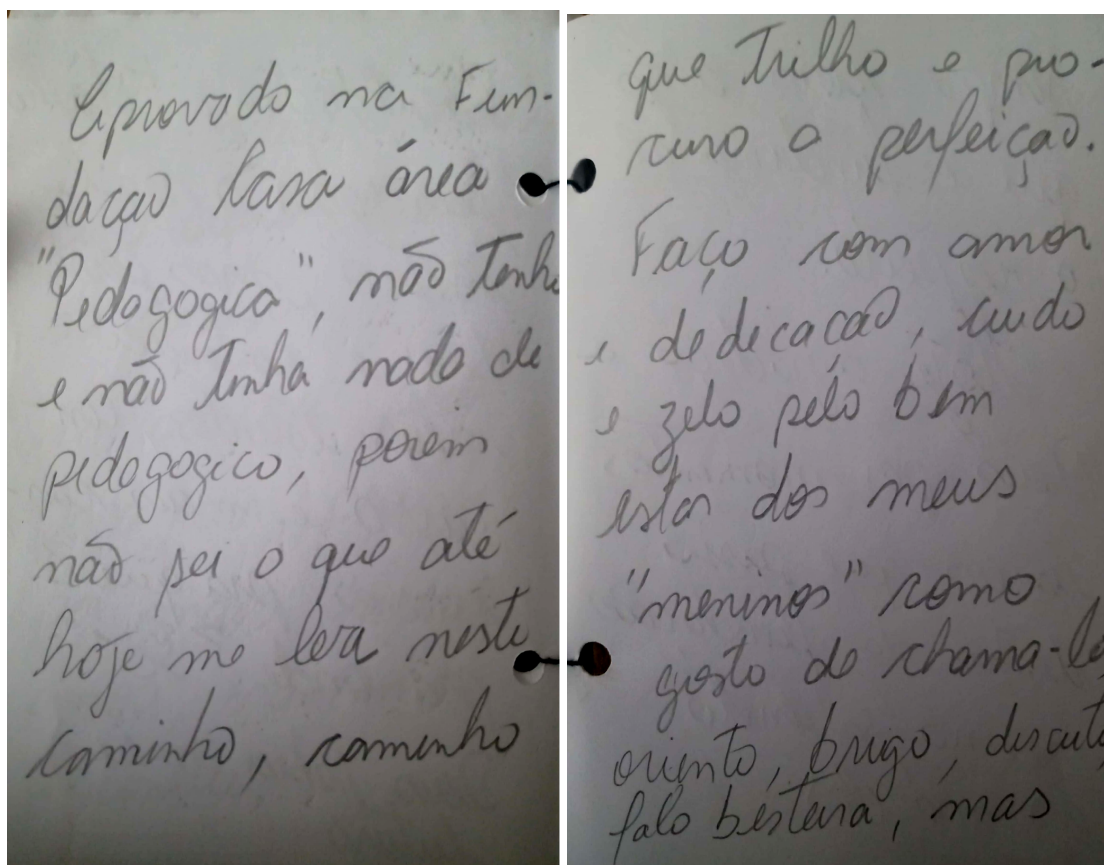


Figura 21 — Escrito dele educador pt3.; Figura 22 — Escrito dele educador pt4.

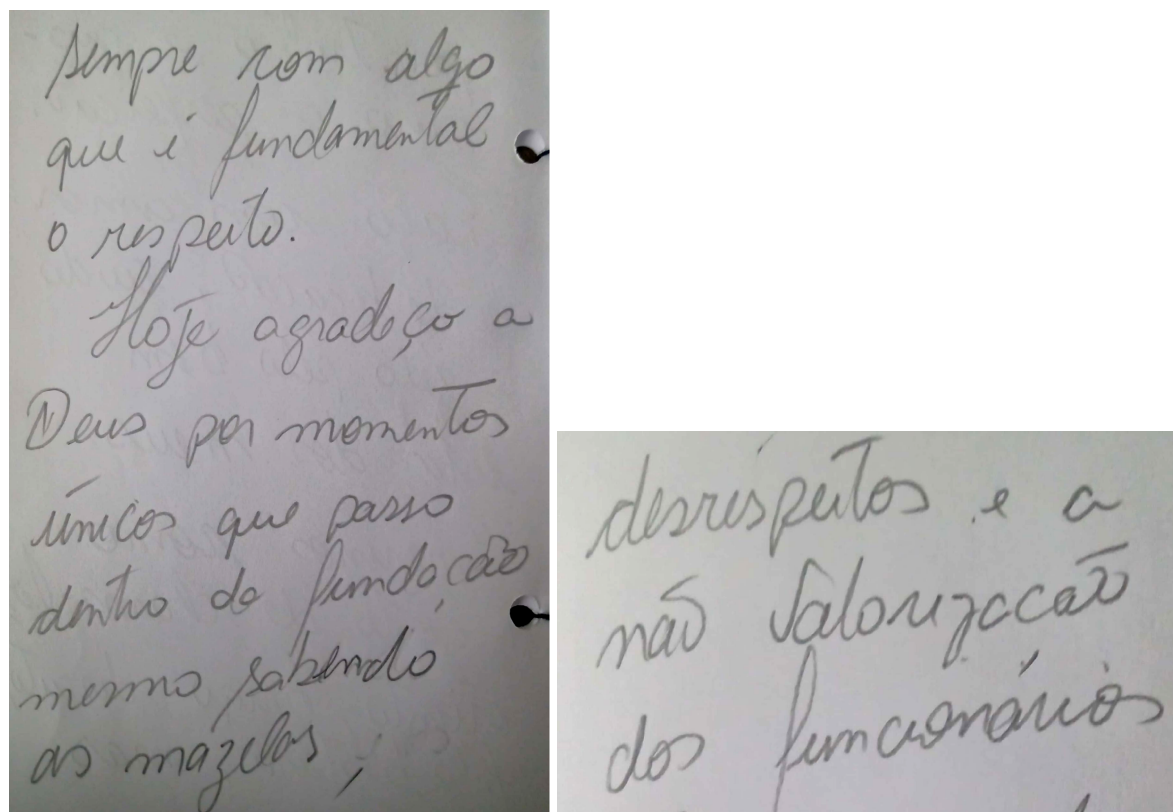


Figura 23 — Escrito dele, "7 mares".

"mergulhei nos 7 mares
 mais com segui cheguei
 no primeiro, e quem chegou
 no sétimo eu falo que é
 perfeito..."

Figura 24 — Escrito dele, chuva v2.

Só no quarto da função
 caem gotas sem chorar
 são lágrimas do meu olhar
 quando penso em você. Família

Clichê: (in)conclusão

A noção de caminho endereçada a [Exu] Onã se vincula à noção de possibilidades. [...] é caminho circunstancial, imprevisível, inacabado.

Luiz Rufino

Assim como comecei minha experiência com eles e elas com muitos receios e “terminei” com gostinho de quero mais, (in)concluo esse trabalho da mesma forma. Comecei com receio, “termino” agora querendo muito mais. Com *términos* em aspas porque não sei bem o que são esses fins e se eles, de fato, existem nesse contexto. Me faço e refaço nesse constante movimento de olhar novamente para trajetórias e aqui, é a vez de reolhar a deste trabalho.

Tudo isso aqui foi uma sequência de tentativas: de abarcar assuntos que acho relevantes no meu percurso de arte-educadora, de revisitar essas histórias e aprendizados, de escrever textos que me contemplem, de me contra-colonizar²¹ na medida que priorizo minha trajetória, como Negô Bispo (14min22s-14min-29s) diz. Foram tantas tentativas que talvez sejam elas que me deixam com a sensação de inconclusão - não saber se alguma delas foi bem sucedida e no final não me importar também, porque, novamente, o que importa é o caminho e ele que sustenta o meu discurso (NÊGO, 14min31s-14min37s).

Escolher chamar eles e elas para conversar comigo juntamente com essas pessoas da teoria foi uma forma de ressaltar também que não fiz nada sozinha. Lá na introdução, perguntei: *Qual trilha abriu juntamente com aqueles meninos e meninas que transformava nossas poucas horas de encontro em um espaço de criação?* E acredito que a resposta veio sem pressa dizer que inúmeros fatores formaram essa trilha: a linguagem como chão firme, a raça e a classe como sol que nos ajuda a enxergar, a palhaçaria como mapa, os erros como os galhos que agarram nosso braço e nos fazem tropeçar, as descobertas como horizontes - quanto mais nos aproximamos, mais coisas aparecem.

Rememorando essa trajetória, descobri outra. Procurando o mar, encontrei uma trilha que dá na cachoeira. Meio escondida, se disfarçando no meio das árvores, mas aguardando ser encontrada por mim. E digo por mim porque outras

²¹ É importante entender que o que Nêgo chama de contra colonização são “todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios” (BISPO, 2015, p. 47), sendo esses territórios não só (mas também) geográficos.

peessoas já tinham encontrado essa trilha e, mesmo elas me dizendo onde ficava, precisei passar pela experiência de encontrá-la. Finalmente entendi esse caminho que um dia Paulo Freire chamou de práxis. “Ação e reflexão” (FREIRE, 2011, p. 134).

Imagino que ser educadora (traço mediadora, traço palhaça) é um pouco disso também, sabe? Sempre aprender algo novo, mesmo quando “apenas” revisita experiências. É errar, se perder, mas se encontrar junto com os meninos e as meninas (e ês meninas, se for o caso). É ter esperança de que coisas lindas podem surgir, mesmo quando as condições de trabalho não são ideais. Não sei dizer se esse trabalho é direcionado especificamente para educadores, mas posso dizer que aprendi muito sobre ser uma enquanto redigia cada linha, enquanto refletia.

Não possuo nenhuma certeza ou descoberta mirabolante para compartilhar, não acho nem mesmo que coloquei alguma ideia inédita aqui. E isso não me deprime, porque acredito que consegui fazer o que pretendia: não esquecer, brincar e, por consequência, aprender um pouco mais. Espero que tu, aí do outro lado, tenha conseguido fazer um bom caminho junto comigo dentro de tudo que aprendi e do que eles e elas me ensinaram.

Pausa para elaborar
O fim também é um começo

- Blocos quadrados não constroem uma casa: uma despedida

A exposição da vez contava sobre arquitetura moderna, o arquiteto era um cara de nome tão longo que essa era a minha primeira piada. Eram cinco garotos, dois agentes, um educador e eu.

Desci para o térreo como de costume, o rádio pendurado na camisa do uniforme para não ouvir ninguém me chamar. Era mais especial do que nunca saber que após aquela visita, dentro de um mês, iria aplicar uma oficina dentro da Fundação Casa com os mesmos meninos daquela visita. Poderia estar lá dentro como uma agente da educação e não como uma estatística.

Aguardei ansiosa. Eles chegaram, eu era só a Tay, entramos na exposição. Falamos sobre a saudade de casa que eles sentiam, sobre como a arquitetura moderna era distante da quebrada, descobri que um deles queria ser tatuador. “Na fundação só tem artista, Tay” me confidenciou um deles. Fomos para o hall dos elevadores onde conversamos um tanto mais, desenhamos nossas casas e ruas, revisitamos a conclusão inicial de que aquela arquitetura era muito diferente da região de cada um ali.

Durante nossa conversa, mencionei a oficina que faria com eles. Trocamos ideias sobre o que poderíamos fazer, as coisas lá dentro eram um pouco diferentes de atuar dentro de um instituto privado. Eu sabia bem disso, eles mais ainda. Conteí sobre alguns blocos quadrados cinzas que usávamos em outras visitas, não gostaram. “Não consigo fazer minha casa com isso aí não” disse um deles e riu.

Pensando bem, também não conseguiria construir minha casa. Faltavam tijolos, cores, telhas, laje. Não caberia naqueles blocos a tortise incomum das paredes, a infiltração que descia do teto do meu quarto até a garagem de baixo. Olhando os desenhos deles, entendi a fala e a risada também. Disse que iria pensar em outra coisa.

No final da visita, estávamos no térreo novamente. Comentei novamente sobre a oficina que seria dali um mês e disse que esperava

não encontrar nenhum deles por lá. Não preciso explicar o que quis dizer aqui, porque eles entenderam lá. Com um olhar cúmplice, trocamos apertos de mãos e um sorriso crispado. Nunca mais nos vimos, mas nesse dia eu disse “até mais”.

- Essa é a última história que escrevo, prometo à vocês de dedos cruzados

Qualquer assunto era uma boa desculpa para nossa convivência. Para conversar com eles e elas, saber um pouco mais e partir do que eles e elas compartilhavam de si. A exposição de arquitetura moderna foi depois de Manoel de Barros, por isso, nessa época, eu já sabia muitas coisas.

Esse tema, de toda forma, nunca foi o meu forte, mas se tem algo que descobri sendo palhaça, é que consigo fingir que sei qualquer assunto. Outra coisa que descobri sendo educadora-mediadora em uma instituição cultural é que andar pela exposição me ensina mais do que ficar na frente do computador.

Nesse dia, eu não sabia do futuro. Nunca fui à Fundação Casa aplicar a oficina. Não sei se estavam lá, espero que não. Por breves momentos, senti que havia traído um vínculo. E se eles ficassem putos? Como saber quem saiu? Nunca tive nenhuma dessas respostas. Mais tarde entendi que aqueles instantes que compartilhamos na visita foram tão significativos quanto um processo de meses ou anos. Eles me atravessaram naquela época, seguem me movimentando hoje porque às vezes os cria são nossos ancestrais. Talvez o contrário seja verdade.

Dentre todas as incertezas dessas histórias sem fim, sei de algo. Não sei só porque sei, mas Conceição Evaristo (2015, p. 99) me confidenciou em um conto e conto para vocês também:

Eles combinaram de nos matar, mas a gente combinamos de não morrer.

Não conto essa história para grandes análises. Conto porque ela foi a última e finais são importantes, conto porque os caminhos que escolhi estão diretamente ligados a ela e a todas as outras. A dor dela não ter uma conclusão ficou um pouco mais amena depois de tantos anos.

Essa experiência pode ser banhada por tantos outros olhares que um bom estudo de probabilidade matemática talvez responda. Poderia escrever esse trabalho ou muitos outros, assim como todos esses ou nenhum. Não há utilidade

nesses textos, pois não quero que sejam úteis. Mas eles foram essenciais na minha trajetória enquanto educadora-mediadora-palhaça, por isso compartilho essas vivências com todos os afetos que a envolvem.

Igual fazer trilha na mata, a gente nunca sabe o que vai achar no caminho e nem sempre é simples encontrar as pegadas por onde passamos. Agradeço você que começou aqui ou chegou até aqui nesse percurso, espero que tenha sido divertido, curioso, amaro e encantador como toda boa história que meu avô me contava quando criança.

quem conversou comigo:

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Carolina Gonçalves. **Quando a academia fala pretuguês?**: epistemologias forjadas nos marcos da experiência colonial. 30 de out. a 06 de nov. de 2020. 32ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA). Disponível em: https://www.32rba.abant.org.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=103. Acesso em: 10 de jan. de 2022.

AZEVEDO, Rafael Torres. **Redução de danos e vínculos com usuários de drogas: a escuta do olhar de um palhaço**. 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/19802>. Acesso em: 20 de jan. 2022.

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas**: a infância. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

BISPO, Antonio dos Santos. **Colonização, Quilombos**: modos e significados. INCTI. Brasília, 2015. Disponível em: http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao_Quilombos.pdf. Acesso em: 19 de jan. de 2022.

CASSIANO, Ophelia. **Guia para a linguagem neutra**. 2020. Disponível em: <https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>. Acesso em: 20 de jan. de 2022.

CASTRO, Angela de. **A arte da bobagem**: manual para o clown moderno. 1. ed. Londres: Angela de Castro & Co., 1997.

CHACOVACHI, Palhaço. **Manual e Guia do palhaço de rua**. 2. ed. La Plata: Contramar, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

_____. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita.** In: ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21. (ISBN 978-85-7160). Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>. Acesso em: 13 de jan. de 2022.

_____. **A escrevivência serve também para as pessoas pensarem.** [Entrevista concedida a] Tayrine Santana e Alecsandra Zapparoli. Itaú Social, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 20 de jan. de 2022.

FARIA, Marcos Vinicius Ribas. **Narrativa em Perspectiva: o mito, o mc e o ladrão.** 2022. TCC (GRADUAÇÃO) - Licenciatura em Arte-Teatro em Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, 2022.

FELIPE, Marina Klautau. **Quando a culpa move o meu desejo de educar ou quando culpamos para fazer injustiça.** In: FELIPE, Marina Klautau; OLIVEIRA, Inessa Silva de. Um galo sozinho não tece uma manhã. 2019. 60 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Arte-Teatro e Bacharelado e licenciatura em Artes Visuais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, São Paulo, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 14 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013.

JARDIM, Suzane; **O inimigo na sala de aula** – escolas, prisões e a formação dos inimigos sociais. In: FELIPE, Marina Klautau; OLIVEIRA, Inessa Silva de. Um galo sozinho não tece uma manhã. 2019. 60 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Arte-Teatro e Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, São Paulo, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

_____. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MANOEL de Barros - Só Dez Por Cento é Mentira. Direção: Pedro Cezar. Produção: Artesanato Eletrônico, 2010. 1h21m18s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VG4P_mWWAI0. Acesso em: 20 de abr. de 2021.

MARTINS. Mirian Celeste Ferreira Dias. Arte, só na aula de arte? **Educação**, vol. 34, núm. 3, set.-dez., 2011, p. 311-316, PUC-RS. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/9516>. Acesso em: 14 de jan. de 2022.

NASCIMENTO, Alexandre do. Ubuntu como fundamento. **UJIMA - Revista de Estudos Culturais e Afrobrasileiros**, n. 1, jun., 2016. Disponível em: http://www.sentimentanimalidades.net/textos_ujima/UJIMA_N0_T1_AlexandreDoNascimento.pdf. Acesso em: 10 de out. de 2021.

NÊGO Bispo: vida, memória e aprendizado quilombola. Produção: Itaú Cultural para 5ª edição: Mekukradjá: construção de pontes, 2020. 15m54s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdgJxw>. Acesso em: 14 de jan. de 2022.

RACIONAIS MC. **Bibliografia**. Disponível em: <https://www.racionaisoficial.com.br/>. Acesso em: 20 de jan. de 2022.

RACIONAIS MC. **Jesus Chorou**. São Paulo: Zimbabwe Records. 2002. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Hqp_LkLzFFM. Acesso em: 20 de jan. de 2022.

RACHEL, Denise Pereira. **Adote o artista não deixe ele virar professor: reflexões em torno do híbrido professor performer**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. (Coleção PROPG Digital - UNESP). Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/126210#:~:text=Com%20este%20estudo%2C%20Denise%20Pereira,%2Dlas%20e%20enriquec%C3%AA%2DIas>. Acesso em: 01 de out. de 2021.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: editora Mórula editorial, 2019.

SOUZA, Andreia Cristina Leite. **Formação de Professores para Educação de Surdos: Pesquisa de Campo: Os alunos do Curso de Pedagogia**. In: SOUZA, Andreia Cristina Leite. Libras no curso de pedagogia: a construção de representações sobre alunos com surdez. 2016. Dissertação (Mestrado - Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2962#preview-link0>. Acesso em: 23 de set. de 2021.